

GM
M205.51
L694P
v.26
1973

26/11 novembro 1973
Liahona

Publicação Mensal d'A Igreja de Jesus Cristo
dos Santos dos Últimos Dias

CAPA

Parque Olímpico em Munique, Alemanha, local
da terceira conferência geral de área da igreja.
VEJA PÁG. 6.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre
assinaturas deverá ser endereçada ao **Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 19079 São Paulo, SP.** Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 15,00; para o exterior, simples: US\$ 3,00; aérea: US\$ 7,00. Preço do exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 1,50; exemplar atrasado: Cr\$ 1,80. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereço.

Neste Número

- 3 **O Caminho É Um Só** — Pres. Marion G. Romney
- 6 **Munique '73**
- 12 **Os Desafios de "Munique '73"**
- 14 **Três Aspectos Do Livre Arbítrio** — Elder Thomas S. Monson
- 17 **Indique Gentilmente O Caminho** — Mildred Barthel
- 20 **Como Ser Um "Cobra"** — Bjarne Christensen
- 23 **A Criação**
- 26 **Canivetes E Basebol** — Elder Delbert L. Stapley
- 28 **A Bola De Futebol** — Sherrie Johson
- 31 **Uma Entrevista Com O Bispo Victor L. Brown**
- 33 **Os Bispos Presidentes Da Igreja**
- 34 **Atalia, Avisa Os Impios** — Elder Ezra Taft Benson
- 38 **Agora Permanecem A Fé,...** — Bispo Vaughn J. Featherstone
- 41 **Canários Amarelos Salpicados De Cinzentos** — Elder Thomas S. Monson
- 44 **A Salvação Vem Pela Igreja** — Elder Mark E. Petersen
- 48 **Os Construtores De Capela**
- 50 **Os Novos Materiais Do Centro Editorial**

A **LIAHONA** — Edição brasileira do "The Unified Magazine" d'A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do livro B, n.º 1, de Matrículas de Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857 de 9-11-1930. "The Unified Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, suéco, taitiano e tonganês. Composta pela Linotipadora Godoy Ltda., R. Abolição, 263. Impressa pela Editôra Gráfica Lopes, R. Francisco da Silva Padro, 172, São Paulo, SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas todas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "The Unified Magazine". Colaborações espontâneas e matéria dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.

A PRIMEIRA PRESIDÊNCIA

Harold B. Lee
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney

CONSELHO DOS DOZE

Spencer W. Kimball
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
Delbert L. Stapley
LeGrand Richards
Hugh B. Brown
Howard W. Hunter
Gordon B. Hinckley
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie

COMITE DE SUPERVISÃO

J. Thomas Fyans, Diretor-Gerente de Comunicações Internas; John E. Carr, Diretor de Distribuição e Tradução; Doyle L. Green, Diretor de Revistas da Igreja; Daniel H. Ludlow, Diretor de Materiais de Instrução.

EDITOR

Larry Hiller

EDITOR RESPONSÁVEL

Osiris G. Cabral

REDATOR

Wilson Taveira

Mensagem da Primeira Presidência

Presidente Marion G. Romney
Segundo Conselheiro na Primeira Presidência

O Caminho É Um Só

“...ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro Evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema”, escreveu Paulo, o apóstolo, aos gálatas. “Assim como já vo-lo dissemos, agora de novo também vo-lo digo. Se alguém vos anunciar outro Evangelho além do que já recebestes, seja anátema.” (Gál. 1:8-9)

Os santos da Galácia eram uma pequena minoria rodeada principalmente de pagãos, além de uns poucos cristãos judaicos conhecidos como “judaizantes” porque, embora professassem crer em Cristo, continuavam insistindo na observância da lei judaica. A pressão exercida por esses pseudo-cristãos havia induzido os gálatas a se sujeitarem aos requisitos da “lei”, embora Paulo lhes houvesse ensinado que Cristo havia cumprido a lei.

Ao ter notícia dessa apostasia, Paulo redigiu sua epístola com o propósito de convencê-los, se possível, de que o Evangelho de Jesus Cristo é o único caminho para a salvação. Ele procurou fortalecê-los contra o perigo de se deixarem seduzir e corromper pelos falsos ensinamentos a que estavam expostos.

Hoje em dia, estamos em meio a circunstâncias não muito diversas daquelas enfrentadas pelos santos gálatas. Como eles, nós também vivemos numa sociedade que desprimora a importância de se observarem os ensinamentos do Evangelho de Jesus Cristo. Estamos, por exemplo, expostos à pressão da doutrina satânica, aceita por muitos, de que todos os caminhos levam ao céu. Ouvimos apregoar que não existe nenhum Deus: “Comei, bebei, e divertivos, porque amanhã morreremos; e tudo nos irá bem.” Outros dizem: “Comei, bebei, e divertivos; não obstante, temeí a Deus — ele justificará a prática de pequenos pecados; sim, menti um pouco, aproveitai-vos das palavras de alguns, abri uma cova ao vosso vizinho; não haverá mal nisso. Fazei todas estas coisas, porque amanhã morreremos; e, se acontecer estar-

mos culpados, Deus nos castigará com uns poucos açoites e, ao fim, seremos salvos no reino de Deus.” (II Néfi 28:7-8).

Estamos igualmente sujeitos à pressão dos “que se incham no orgulho de seus corações,... que pregam falsas doutrinas; cometem libertinagem e pervertem os caminhos retos do Senhor!” (II Néfi 28:15)

Essas influências malignas são reais, e frequentemente muito, muito eficazes.

Tempos atrás, um excelente jovem, criado num lar SUD, saiu de casa para estudar. Retornando de uma de nossas mais prestigiosas universidades, contou que convivera com pessoas da mais diversa formação, tanto religiosa como sob outros aspectos, e que os achara absolutamente iguais a ele em tudo. Por isso, argumentou, não via razão para se submeter à disciplina rigorosa da nossa Igreja que eles não precisavam seguir.

Mais recentemente, certos líderes jovens nos informaram que membros de seu grupo estavam envolvidos em funções universitárias e trabalhos que os colocavam em contato constante com pessoas, cujas crenças e conduta divergiam dos padrões da Igreja; que, embora tais moços estivessem engajados em algumas atividades da Igreja, ainda assim precisavam ser fortalecidos contra a constante tentação de transigir.

Diante dessas e inúmeras outras situações destruidoras da fé, necessitamos de seguidos alertas e de mantermo-nos sempre em guarda contra suas pressões.

Precisamos daquilo que Paulo procurou dar aos gálatas — a convicção e segurança de que, para o céu, não existem muitos caminhos, mas um só. Jesus procurou seguidamente incutir esta verdade nos que o seguiam. Em seu sublime Sermão da Montanha, dizia ele:

“Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela.”



Mas por outro lado, continuou: "... porque estreita é a porta, e apertado o caminho que leva à vida, e poucos há que a encontrem." (Mateus 7:13-14)

Quando Jesus, após sua ressurreição, veio ao continente americano, ensinou esta mesma lição aos nefitas, com palavras idênticas. (III Néfi 14:13-14) E nesta nossa última dispensação, instruiu mais uma vez, em termos semelhantes. (D&C 132:21-25)

A lição transmitida por essas Escrituras é um remanescente dos ensinamentos proféticos do sonho de Léhi a respeito da árvore da vida. Por certo vos lembrais de que, na visão, ele notou "uma barra de ferro que se estendia pela barranca do rio e vinha ter à árvore" da vida. (I Néfi 8:19) Aqueles que se agarraram a ela e não a largaram, foram salvos; os que não seguiram a barra que representava a palavra de Deus, perderam-se em meio à "névoa de escuridão".

A chave para a porta estreita é fé no Senhor Jesus Cristo. A "barra de ferro" à qual nos devemos agarrar, é a palavra de Deus, são os ensinamentos do Evangelho. A tônica de todas as Escrituras, inclusive dos ensinamentos do próprio Salvador, é a divindade de Cristo, a importância de se ter fé nele, e a estrita obediência aos seus mandamentos.

Falando ao Profeta Joseph Smith, disse o Senhor: "... se me aceitardes no mundo, então me conhecereis e recebereis a vossa exaltação; para que onde eu estiver, estejais vós também." (D&C 132:23)

A mensagem que urge entendermos e acatarmos é que receber o Senhor requer estrita obediência aos seus mandamentos. Afortunadamente, todos nós somos constituídos de tal maneira, que, se quisermos, somos capazes de preencher esse requisito.

Em setembro de 1832, dizia o Senhor, falando ao Profeta Joseph Smith e mais seis élderes:

"E agora vos dou o mandamento de que vos acateleis de vós mesmos, que atendeis diligentemente às palavras de vida eterna.

"Pois vivereis de toda a palavra que sai da boca de Deus.

"Pois a palavra do Senhor é a verdade, e tudo o que é verdade é luz, e tudo o que é luz, é espírito, mesmo o Espírito de Jesus Cristo.

"E o Espírito dá luz a todo o homem que vem ao mundo; e o Espírito alumia a todo o homem no mundo que atende à sua voz.

"E todo aquele que atende à voz do Espírito vem a Deus, sim, o Pai." (D&C 84:43-47)

A Tomé, Jesus disse: "Eu sou o caminho, e a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim." (João 14:6) O caminho é um só. O apóstolo sênior afirmou isto ao sínédrio, quando ele e João foram convocados por aquele corpo judicial, a fim de explicar o primeiro milagre realizado pelos apóstolos na primitiva igreja de Cristo — a cura do aleijado junto à "porta do templo chamada Formosa". Respondendo à pergunta: "Com que poder ou em nome de quem fizestes isto?"

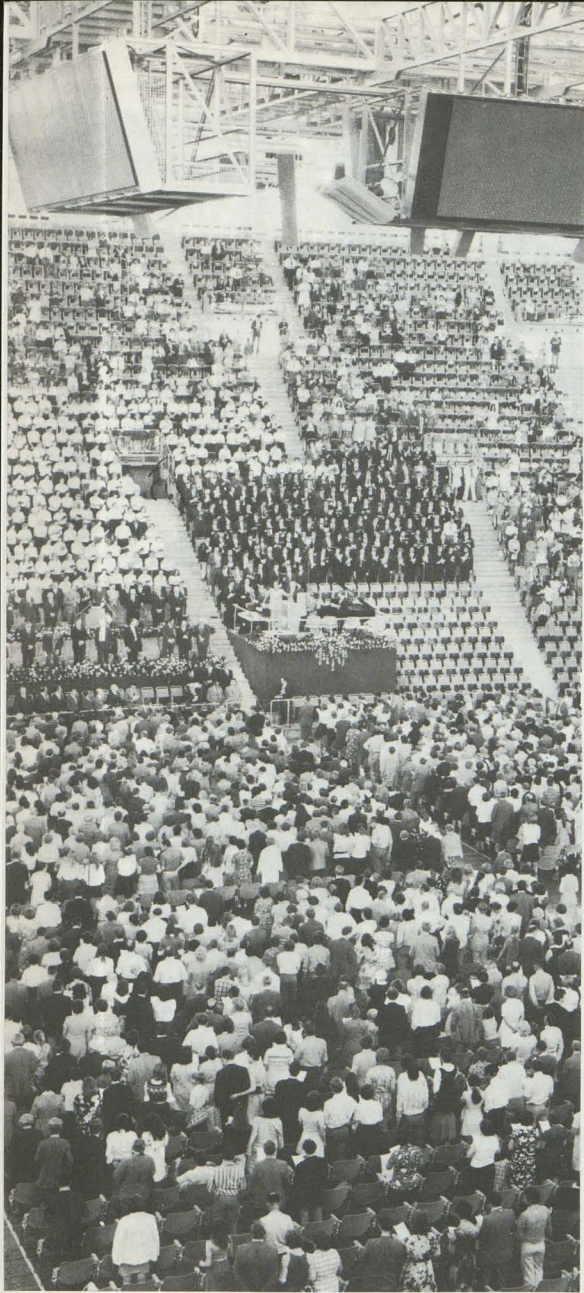
"... Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse: Principais do povo, e vós, anciãos de Israel.

"Visto que hoje somos interrogados acerca do benefício feito a um homem enfermo e do modo como foi curado.

"Seja conhecido de vós todos, e de todo o povo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o nazareno, aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos, em nome desse é que este está são diante de vós.

"Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina.

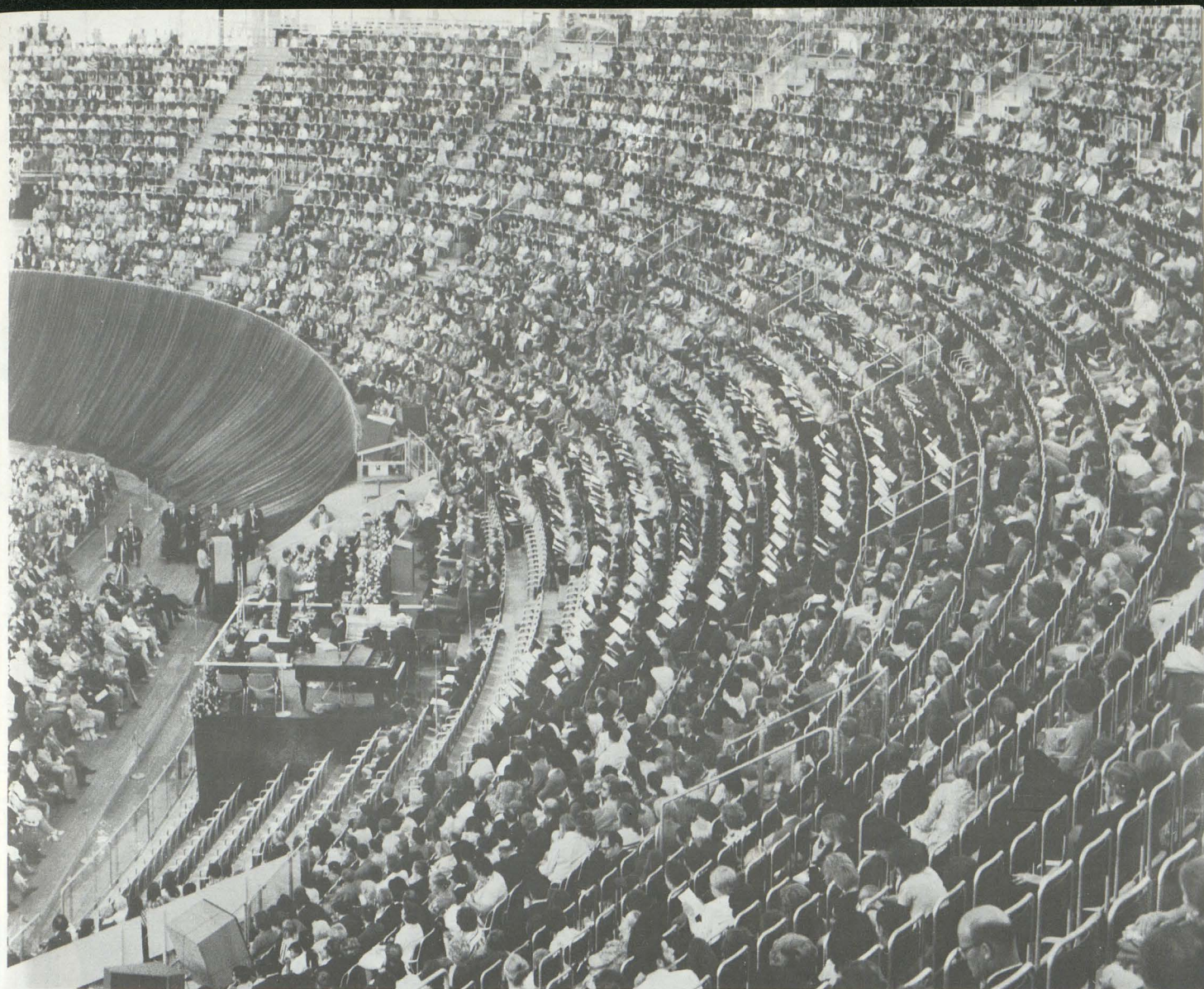
"E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens pelo qual devamos ser salvos." (Atos 4:7-12)



MUNIQUE '73

Terceira Conferência Geral de Área
Da
Igreja De Jesus Cristo Dos
Santos Dos Últimos Dias

“Nosso primeiro desejo é afirmar a nossos membros em todo o mundo, mesmo nas mais distantes regiões da sede central da igreja, que não são esquecidos. Que as autoridades da igreja mantem seus interesses no coração e lutam por eles, não importando onde você esteja, da mesma maneira que o fazem para os membros que se encontram mais perto da sede central da igreja.” Presidente Harold B. Lee.



Nos dias 24, 25 e 26 de agosto de 1973, foi realizado no Parque Olímpico de Munique, Alemanha, a terceira conferência geral de área da Igreja. A Primeira Presidência encabeçou a delegação das Autoridades Gerais presentes, e também o Coro do Tabernáculo estava lá para gravar "Música e a Palavra Proferida" e cantar na sessão de domingo de manhã. A liderança local participou igualmente, oferecendo muitas das orações e discursos.

Esta foi a primeira conferência desse tipo realizada no continente europeu, destacando-se

ainda mais por envolver seis idiomas e santos de oito nações — Áustria, Bélgica, França, Alemanha, Holanda, Itália, Espanha e Suíça.

"Bom é estarmos aqui." Estas palavras, ditas por Pedro quando das maravilhosas ocorrências no Monte da Transfiguração (Mat. 17:4), bem que poderiam ter sido repetidas por qualquer dos presentes à conferência geral de área de Munique. Conforme comentou certo membro, antes do início da derradeira sessão na tarde de domingo: "Temos sentido aqui uma grande efusão espiritual". E assim foi. Os santos

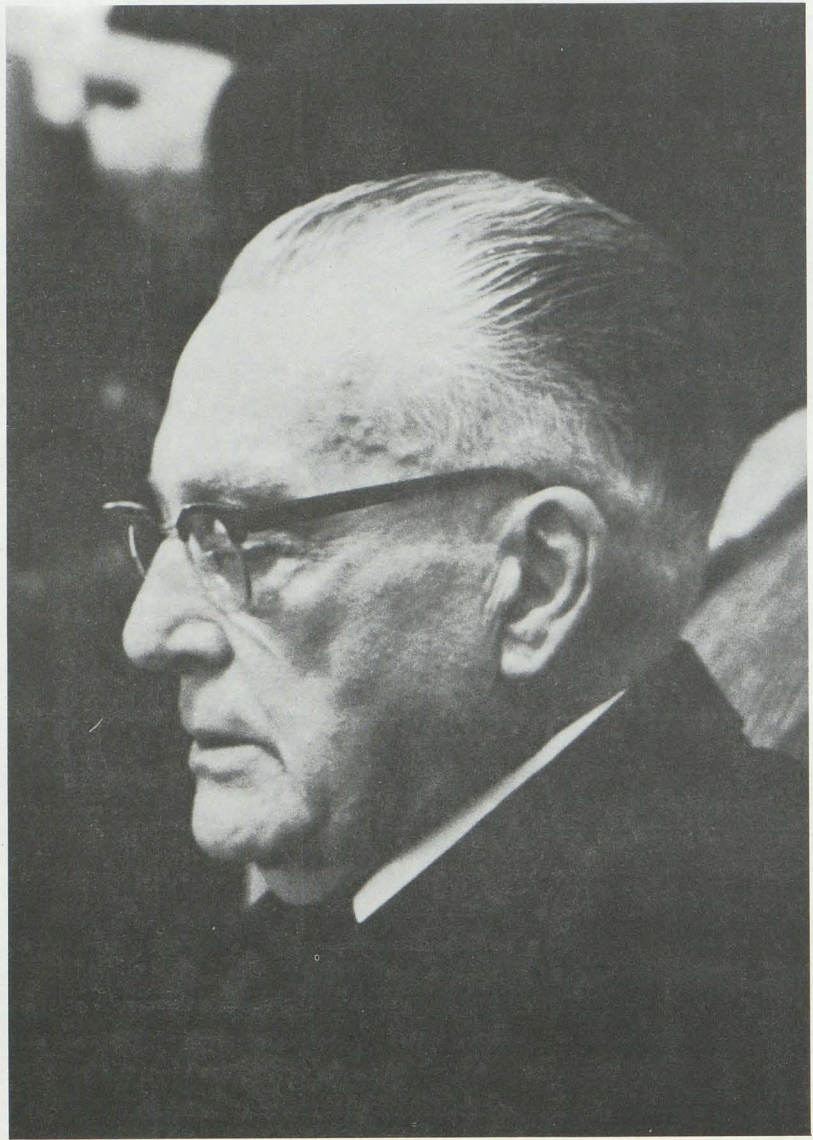
europeus comentarão "Munique" por muito tempo ainda.

As atividades da conferência iniciaram-se, para a juventude, na sexta-feira à tarde, com as finais da competição esportiva em voleibol e tênis de mesa. À noite, jovens das diversas áreas apresentaram "shows" ambulantes, danças e músicas folclóricas para uma entusiástica multidão, no Ginásio de Esportes.

Na manhã de sábado, tiveram início as sessões regulares da conferência, todas elas dirigidas pessoalmente pelo Presidente Lee. Sábado à noite, houve sessões separadas



Irmã Lee



Estamos aqui para advertir a nossos membros em todo o mundo a serem leais a seu convênio (batismal) e se levantarem como testemunhas verdadeiras de Deus em todos os tempos e em todas as coisas, e em todos os lugares que você possa estar, mesmo até a morte, a fim de que outros, vendo vossas boas obras possam ser trazidos a aceitar o Evangelho de Jesus Cristo, que é o poder de Deus para sua salvação." Presidente Harold B. Lee.



para
dócio
rais
cada
vos
lavra
Um
rávei
nique
grand
dos p
— o
do Su
plica
das
área.
punh
nação
res f
to lo
uma
do-se
sema
cação
Os

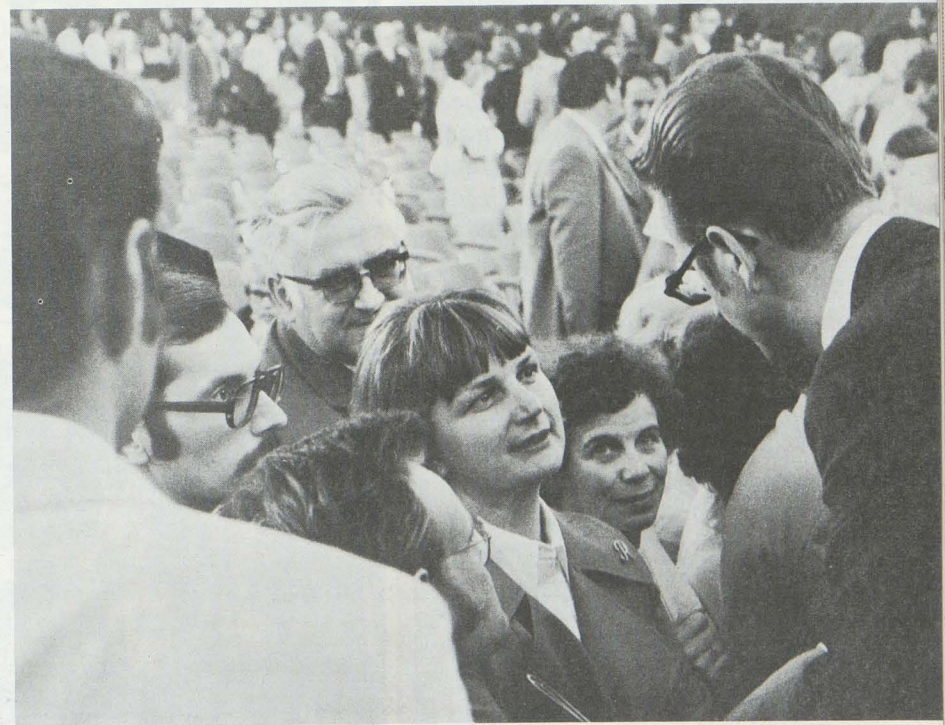
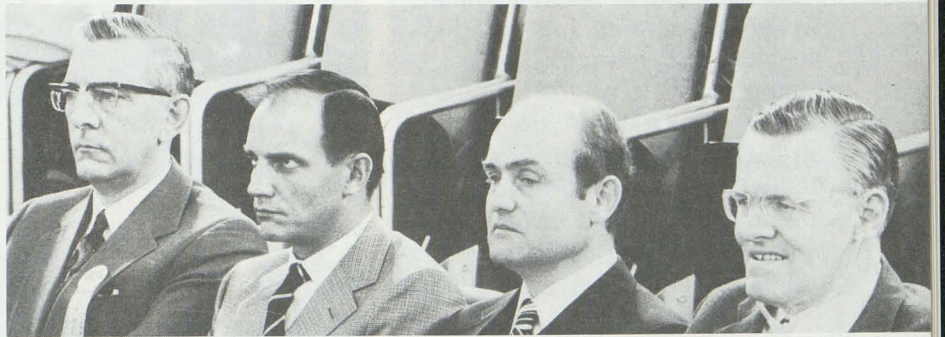


"Da esquerda para a direita: Jacob de Jager, Charles Didier, F. Enzio Busche, Representantes Regionais, e Immo Luschinvon Ebengreuth, Presidente do Templo da Suíça."

para as irmãs e para o Sacerdócio, em que autoridades gerais e líderes locais instruíram cada grupo em seus respectivos deveres e ofereceram palavras de alento e conselho.

Um dos pontos mais memoráveis de conferência em Munique foi a parte musical. Dois grandes coros foram organizados para cantar na conferência — o Coro do Norte e o Coro do Sul, formados, conforme implicam os nomes de membros das respectivas regiões da área. Como os coros se compunham de membros de várias nações, os ensaios preliminares foram realizados em âmbito local, com os membros de uma estaca ou distrito reunindo-se uma a duas vezes por semana. Isto exigiu muita dedicação.

Os membros do Ramo I de



Membros aconselhando-se com líderes locais do Sacerdócio.

Viena (Áustria), estavam ainda envolvidos na faina e sacrifício de construir a capela. Aconteceu então que um dos ensaios foi marcado para a mesma hora em que o ramo programara a festa da cumeira. Os participantes do coro daquele ramo decidiram-se pelo ensaio, pois este era seu dever. Um membro do coro falou pelos restantes, ao dizer:

— Não aprendemos somente a cantar, como também tornamo-nos mais unidos e criamos um maior amor recíproco. Cantar o Evangelho em música nos tornou felizes. Nossos testemunhos muito se fortaleceram. Foi uma maneira maravilhosa de nos prepararmos para a conferência em Munique.

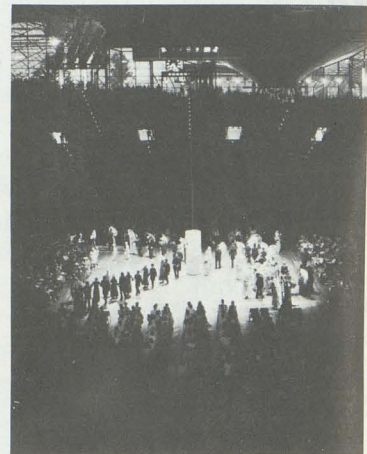
A dedicação e o esforço dos membros do coro, seus regentes e acompanhantes era evidente. Os participantes da conferência mencionavam frequentemente a música como uma das coisas mais impressionantes da reunião.

Como tem acontecido com outras conferências de área, os membros fizeram sacrifícios e às vezes tiveram que exercer grande fé para poderem comparecer. Houve casos em que pessoas adoeceram pouco antes da conferência e só puderam estar presentes depois de serem abençoadas pelo Sacerdócio. Um dos irmãos estava tão mal, que os médicos temiam sua morte. Recebeu uma bênção dos élderes e recuperou-se o suficiente para poder ir à conferência. Segundo os clínicos, não havia explicação médica para aquela melhora. Outro irmão, cego e em precárias condições de saúde, obteve permissão do seu médico para viajar para a conferência em companhia de três médicos da sua estaca.

Muitos também tiveram que sacrificar-se financeiramente a fim de comparecer. Certos



Esportes, shows de talentos e outros entretenimentos foram algumas das atividades da conferência.





membros que não puderam ir por outras razões, deram dinheiro àqueles que careciam somente dos fundos necessários. Uma septuagenária dispôs-se a fazer serviços domésticos, a fim de juntar a quantia necessária. Ninguém falou de qualquer projeto maior para levantamento de fundos. Foi antes uma questão de fazer quietamente horas extra, aceitar trabalho suplementar, ajudar outros sem alarde e privar-se de algumas coisas de costume, a fim de poder ouvir o Profeta.

Qual foi o efeito da conferência naquelas pessoas vindas de terras tão diversas? Ao final da última sessão de domingo, quando os dois coros regionais combinados que se haviam encarregado da parte musical daquela sessão, prorromperam a cantar mais uma vez: "Deus vos guarde... ", podiam-se ver muitas faces molhadas de lágrimas e havia lágrimas nos olhos das Autoridades Gerais. Ali estava gente de diversos países — países que já haviam sido inimigos — unidos na fraternidade do Evangelho e gozando juntos o calor do Espírito ali reinante.

Como disse um líder local do Sacerdócio:

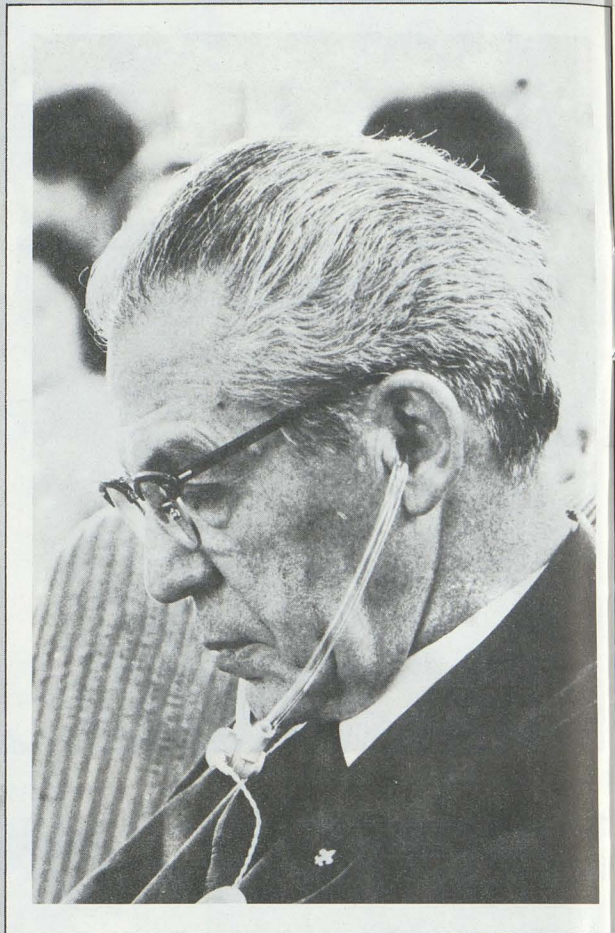
— Nossa gente não parte daqui como chegou. Muitos vieram de ramos pequenos a cujas reuniões comparecem apenas umas vinte a trinta pessoas. Para eles foi um fortalecimento estar numa conferência com mais de 15.000 santos fiéis e ver e ouvir o Profeta e demais autoridades gerais.

Um presidente de missão comentou que a conferência iria favorecer o trabalho missionário, não só por causa da publicidade, mas porque os membros voltavam para casa fortalecidos em sua determinação de edificar o reino. Foi realmente bom estar lá.





Tradutores



Os Desafios De “MunIQUE 73”

Planejar uma conferência como a de Munique pode oferecer alguns desafios interessantes: alojamentos, acomodações, segurança, comunicações etc. A magnitude de alguns dos desafios pode ser ilustrada com o problema das traduções. Contando com a presença de pessoas que falam seis idiomas diferentes, como fazer com que cada um

ouça os discursos em sua língua mãe?

O problema da tradução foi resolvido de forma singular. Como o alemão era o idioma oficial da conferência, este era transmitido pelo aparelhamento de som geral. (Cerca de dois terços da audiência entendia alemão.) Quando um orador falava em outra língua, havia um intérprete germânico ao seu lado para fazer a

tradução, isto é, o orador fazia uma pausa, a cada poucas sentenças, para que fossem traduzidas pelo intérprete, sendo ambos os idiomas transmitidos pelo aparelhamento geral de som.

Para os outros grupos presentes, havia tradutores alojados debaixo do palco, os quais ouvindo os discursos por meio de fones de ouvido, faziam a tradução simultânea, que era trans-



mitida radiofonicamente para o recinto principal. Todo membro que não falava alemão, dispunha de um pequeno receptor com fones de ouvido, que podia ser sintonizado conforme a língua desejada. Assim, todos ouviram a conferência em seu próprio idioma.

Outro exemplo mostrará como certos problemas foram solucionados de

maneira inesperada. O Coro do Tabernáculo deveria gravar seu programa radiofônico semanal "Música e a Palavra Proferida" no Ginásio de Esportes. Mas neste não havia um órgão adequado para acompanhá-lo. Na verdade, ninguém sabia de um órgão adequado em toda a Munique que pudesse ser levado para lá. Nesse ínterim, o irmão encarregado de encon-

trar um órgão, soube de um construtor de órgão que vivia num vilarejo perto de Munique, e que fizera um instrumento eletrônico com timbre bastante semelhante aos órgãos tradicionais. Quando procurado, ele não só se prontificou a emprestá-lo, como também a instalar o órgão sem nada cobrar pela instalação ou uso do mesmo.

Três Aspectos Do Livre Arbítrio

Élder Thomas S. Monson, do Conselho dos Doze

Gostaria de falar-lhes sobre os três aspectos do livre arbítrio: o direito de escolha, a responsabilidade de escolha e os resultados da escolha. Quão grato sou pelo fato de um sábio e amoroso Pai Celestial ter-nos dado o livre arbítrio! Já bem no princípio, depois de haver indicado a Adão as árvores das quais podia comer livremente, apontou-lhe uma, advertindo-o de que não deveria comer de seus frutos. Em seguida, acrescentou: "... Não obstante, poderás escolher segundo tua vontade, porque te é dado..." (Moisés 3:17)

Foi-nos dado o direito de escolher. William C. Gregg ilustrou-o maravilhosamente em seu poema:

"A alma é livre para agir
E seu destino decidir;
Suprema lei deixou-nos Deus —
Não forçará os filhos seus.

"Apenas faz-nos escolher
O bem ou o mal neste viver;
Conselhos dá-nos, com amor,
Cuidado, graças e favor."

(Hinos, n.º 72)

Temos também a responsabilidade de escolha. Não nos podemos manter neutros. Não existe um ponto indefinido. O Senhor sabe disso, Lúcifer também. Há uma grande batalha em andamento pela alma dos homens. Num dos lados, Lúcifer colocou atraentes sinais indicadores do caminho. Acaso nunca os viram? São vistosos e muito sedutores, como por exemplo: "Comei, bebei e alegrai-vos, porque amanhã morreremos", "É o que todo mundo faz" etc. Outro talvez diga: "Só uma vez não faz mal."

No outro lado, o Senhor preparou sua sinalização como um guia para nós, que diz: "O que semeardes, haveis de colher" (Vide Gál. 6:7)

"Há uma lei irrevogavelmente decretada nos céus, desde antes da fundação deste mundo, na qual se baseiam todas as bênçãos.

"E quando de Deus obtemos uma bênção, é pela

obediência àquela lei na qual a bênção se baseia." (D&C 130:20-21)

Assim, podemos seguir um dos dois caminhos. A nós cabe a responsabilidade da escolha.

Homens inteligentes inventaram certas defesas para nos advertir contra os perigos. Quando servi na Marinha dos Estados Unidos, o sonar ensaiava seus primeiros passos. Os que serviram na Marinha sabem que o sonar é um engenho que dá aviso de algum obstáculo imediato, como veículo, navio etc., por meio de ondas sonoras dirigidas. O operador se acostuma a ouvir um "bip" repetido. Quando este não seguir o padrão normal, ele sabe que há perigo iminente, podendo avisar os oficiais do navio para que alterem o rumo.

Se o homem conseguiu inventar o sonar para protegê-lo contra desastres, não lhes parece razoável que o Senhor colocasse dentro de seus preciosos filhos um mecanismo, para avisá-los quando se desviam do seu caminho? Presto-lhes meu testemunho hoje de que nós temos um dispositivo-guia assim. E ele é infalível, desde que o utilizemos. Refiro-me àquela voz suave e mansa, o Espírito Santo.

"Mas aquele Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito." (João 14:26)

Além do direito e responsabilidade de nossas escolhas, temos que considerar seus resultados.

Meu pensamento remonta ao dia em que se avizinhava meu décimo oitavo aniversário. Sentíamos-nos temerosos. A II Guerra Mundial estava em curso, e todo rapaz sabia da necessidade de uma escolha. Não havia muita opção quanto a isso: ou se escolhia ir para o Exército, ou então podia-se optar pela Marinha. Eu me alistei na Marinha.

Havia quarenta e quatro de nós, moços, ali no escritório de alistamento. Jamais esquecerei quando o chefe dos sub-oficiais nos apresentou uma escolha, dizendo:

— Bem, vocês agora têm que fazer uma escolha importante. Por um lado, podem ser sensatos, decidindo-se a entrar nas forças regulares da Marinha, alistando-se por quatro anos. Vocês receberão o melhor treinamento possível. Terão toda e qualquer oportunidade, porque a Marinha os considerará como seus. Se deci-

direm não seguir esse rumo, poderão ir para as forças de reserva. A Marinha não tem muito interesse nas reservas navais, nesta altura dos acontecimentos. Neste caso, não receberão treinamento algum. Serão mandados para o serviço no mar. Ninguém sabe qual poderá ser o seu futuro.

Em seguida, mandaram-nos assinar na linha pontilhada. Voltei-me para meu pai, perguntando:

— O que devo fazer, pai?

Com a voz embargada de emoção, ele replicou:

— Não sei coisa alguma a respeito da Marinha.

Esta era a posição de todos os pais ali presentes naquele dia.

Quarenta e dois dos quarenta e quatro se alistaram nas forças regulares por quatro anos. O quadragésimo terceiro não conseguiu passar pelo exame de aptidão física para as tropas regulares e, assim, teve que alistar-se na reserva.

Então chegou a minha vez. Confesso que fiz subir uma prece aos céus, na esperança de uma resposta do Senhor. E ele respondeu. O pensamento surgiu tão claro como se tivesse ouvido uma voz: "Pergunte a estes oficiais subalternos qual eles escolheram".

Perguntei a cada um daqueles sub-oficiais veteranos:

— Você escolheu as forças navais regulares, ou a reserva?

Todos eles haviam escolhido as forças de reserva. Voltei-me então e disse:

— Com toda a sabedoria e experiência que vocês têm, quero estar do seu lado.

Decidi-me pelas forças de reserva, o que importava alistar-se pelo tempo da duração da guerra mais seis meses. A guerra terminou, e dentro de um ano, recebi minha baixa honrosa do serviço militar. Pude, assim, continuar meus estudos e tive o privilégio de servir em muitos cargos na Igreja. Quem sabe qual o rumo que minha vida teria tomado, se naquele momento não recorresse ao Pai Celestial, em busca de ajuda e diretriz no que pode parecer uma decisão de pouca importância.

Gostariam de ouvir a respeito de um missionário que foi induzido a efetuar uma escolha sábia? Estava ele há pouco tempo na missão e fora designado para trabalhar na cidade de Oshawa, Ontário, Canadá, como companheiro de um missionário veterano. Os dois foram procurar a casa de uma família chamada Pollard. Bateram à porta, sendo atendidos pelo Sr. Pollard, que os convidou a apresentar sua mensagem. Depois de ouvi-la e de ter orado com eles, foi como se o espírito do adversário tomasse conta dele — zangou-se com os élderes, mandou que saíssem e não voltassem nunca mais. Ao acompanhá-los até a porta, ele falou:

— Afinal, vocês não vão me convencer de que acreditam realmente que Joseph Smith é um profeta de Deus, não é? — e bateu-lhes a porta com toda força.

Os dois missionários puseram-se a andar desacorçoados. Então, o mais novo voltou-se para o companheiro sênior, dizendo:

— Nós não respondemos à pergunta do Sr. Pollard.

O mais velho tentou explicar-lhe a futilidade de um retorno, mas o élder novo insistiu:

— Pois eu vou voltar. Não me sentiria bem, se não o fizesse.

Voltaram pois à porta do Sr. Pollard e bateram. O dono da casa atendeu-os e comentou:

— Pensei tê-los mandado embora.

A decisão seguinte exigiu toda força de caráter e toda fortaleza que aquele moço conseguiu reunir, pois seu companheiro sênior não lhe dava grande ajuda. Ouvi o próprio Sr. Pollard descrever tal experiência, dizendo: "O missionário olhou bem dentro de meus olhos, hesitou por um instante, e depois falou: "Quando saímos de sua casa, o senhor fez uma observação de que nós não acreditávamos realmente que Joseph Smith foi um profeta de Deus. Quero dizer-lhe que eu sei que Joseph Smith é um profeta de Deus e que esta obra é verdadeira."

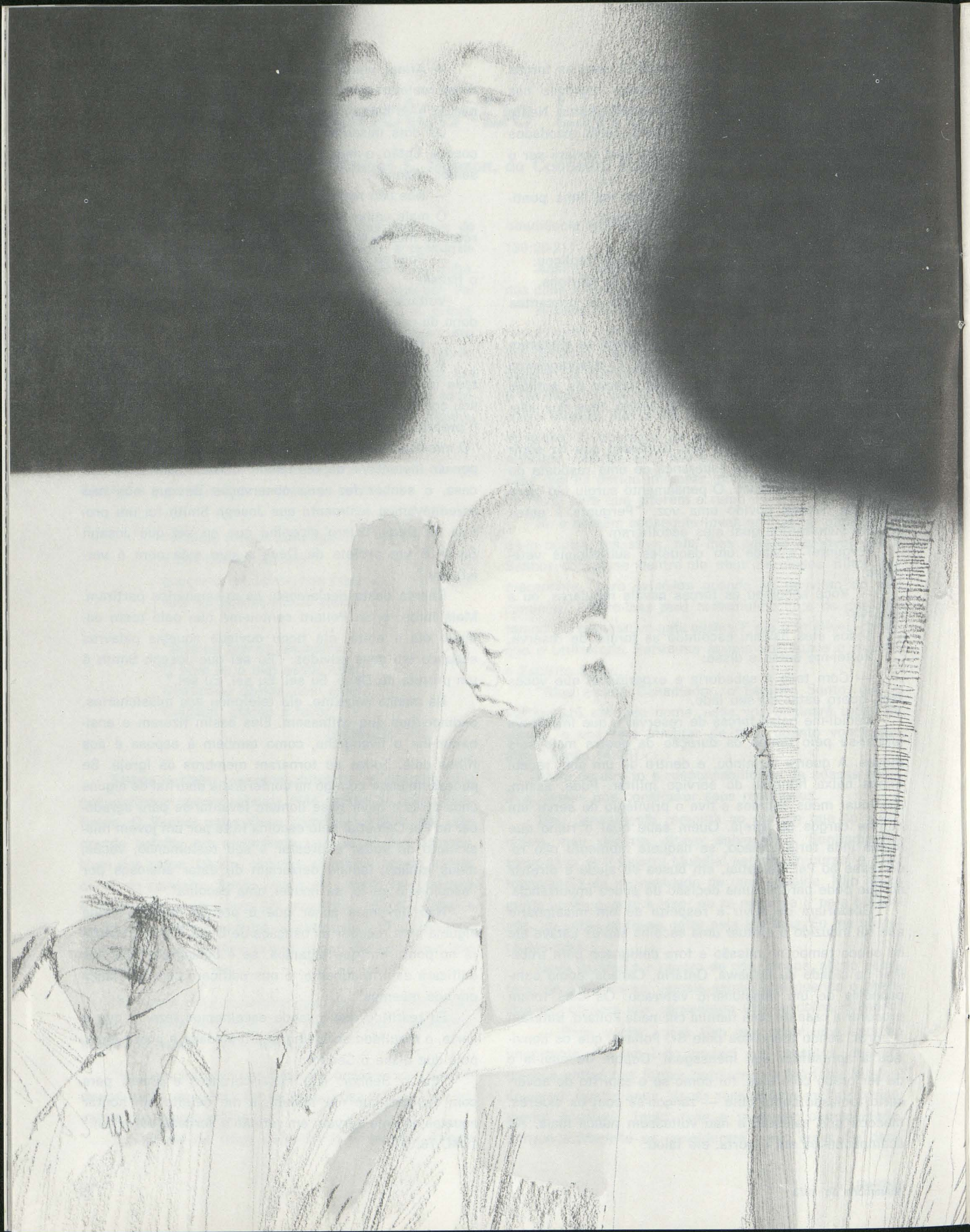
Depois desta declaração, os missionários partiram. Mais tarde, o Sr. Pollard contou-me que pelo resto daquele dia e noite, ele ficou ouvindo aquelas palavras ecoando em seus ouvidos: "Eu sei que Joseph Smith é um profeta de Deus. Eu sei. Eu sei. Eu sei."

Na manhã seguinte, ele telefonou aos missionários, pedindo-lhes que voltassem. Eles assim fizeram e ensinaram-lhe o Evangelho, como também à esposa e aos filhos dele. Todos se tornaram membros da Igreja. Se pudessem estar comigo na conferência distrital de alguns anos atrás e ouvir esse homem levantar-se para agradecer ao Pai Celestial pela escolha feita por um jovem missionário de voltar e prestar o seu testemunho, vocês, meus irmãos, jamais deixariam de estar ansiosos por "escolher o certo, se houver uma escolha".

Não devemos achar que é preciso não ter falha alguma para receber as bênçãos de Deus. Ele nos aceitará no ponto em que estamos, se o buscarmos. Ele nos edificará espiritualmente, e nos edificará com confiança em nós mesmos.

Eu testifico que, quando escolhermos fazer o que é certo, o resultado será alegria e felicidade à nossa alma, pois que disse o Senhor:

"Eu, o Senhor, sou misericordioso e afável para com aqueles que me temem, e me deleito em honrar aqueles que me servem em retidão e verdade até o fim." (D&C 76:5)



Indique Gentilmente O Caminho

Mildred Barthel

Juntando suas coisas na pequena trouxa de pano, San Ling dizia de si para si ponderando: — Estou mais alto que o pai. Está em tempo de ir-me embora. Voltarei quando o sucesso acompanhar-me.

Botou ainda um punhado dos biscoitos feitos pela mãe num guardanapo. Com todo cuidado, ajustou a trouxa nas costas. Depois, curvou-se profundamente diante do pai. Beijou a mãe em despedida e deu um tapinha carinhoso nos irmãos e irmãs, dizendo:

— Quando eu voltar, estarão mais altos.

Após um dia inteiro de caminhada da pequena aldeia, San Ling chegou à orla de um grande mar. Caminhando em direção da praia, ficou pensando que seria bom viver junto do mar, trabalhar com ele e tornar-se seu amigo. Não voltou um pensamento sequer para a sua aldeia.

— Minha infância se foi; olharei sempre para diante.

Um pescador conçoçdou em deixar San Ling trabalhar de graça até provar o seu valor.

— Apanharei uma porção de peixes ainda hoje, e amanhã mais, muito mais, — afirmou San Ling, convencido de que o mar recompensaria o seu entusiasmo.

— Pois bem — falou o pescador, — eu tenho que sair para o alto mar durante um dia e uma noite, pesque junto à costa. No barco encontrará uma rede.

San Ling sorriu e curvou-se profundamente diante do pescador que partia. Naquela noite, enquanto dormia depois de ter apanhado uns poucos peixes, um vento forte soltou as amarras do barco que atara negligentemente.

Passou o dia seguinte lançando seixinhos no mar.

— A culpa não foi minha, — resmungava para o mar — de ter havido ventania.

Diante do cenho franzido do pescador, San Ling suspirou:

— Não tenho nenhum peixe para provar que sou amigo do mar. Mas o farei amanhã.

— O mar não precisa da amizade de ninguém, —

ralhou o pescador, — mas eu preciso do meu barquinho e sinto falta dele.

San Ling escutava distraído e curvou-se profundamente.

— Encontrarei outra maneira de provar o meu valor.

E falando assim, apanhou sua trouxa e enveredou por novos caminhos que o atraíam. Não demorou muito, passou por campos arados que lhe recordavam a fazenda do pai.

— Ahn, — sorriu San Ling, — essa amizade não terei que provar.

Voltando-se para o dono, prosseguiu:

— Durante os anos em que crescia até ser mais alto que meu pai, trabalhei muitas vezes ao lado dele.

— Trabalhe comigo e logo veremos como você se sairá, — respondeu o agricultor.

San Ling largou sua trouxa debaixo de uma árvore, e pegou uma enxada. Enquanto trabalhava, falava como quem sabe o que diz:

— Antes do anoitecer, terei arrancado todo o mato.

O dono do campo e San Ling trabalharam juntos bem durante algum tempo; depois, o homem saiu para buscar o filho a fim de ajudá-los. Quando voltou, encontrou San Ling descansando debaixo de uma árvore.

— Por que parou de capinar? — zangou-se. — Ainda é dia claro, e resta muito mato para arrancar.

— Estou descansando um pouco, — respondeu San Ling.

Apanhando a enxada e pondo-se a atacar o mato, o agricultor resmungou:

— Você foi preguiçoso com seu pai também. Isso logo se vê, enquanto ainda está claro.

San Ling explicou sorrindo:

— Meu pai nunca me chamou de preguiçoso. Dizia que eu estava aprendendo.

O homem olhou para o sol que se punha.

— Não posso pagar para você aprender. Talvez você precise é voltar para seu pai e terminar seu aprendizado.

É preciso mais que trabalhar com as mãos, meu filho. Observe-me, e se quiser aprender os segredos do soprar vidro, podemos fazer um trato, pois sou um homem justo.



E assim dizendo, o agricultor voltou sua atenção ao ensino do filho que trabalhava ao lado dele.

Caminhando para mais longe ainda da aldeia de sua infância, San Ling prosseguiu, até que não restasse nenhuma luz para iluminar o caminho. Ajeitando sua trouxa como travesseiro, falou consigo mesmo, olhando para o alto.

— Ficarei pensando nos meus sucessos e assim aprenderei facilmente.

E dizendo isso, adormeceu.

Acontece que, ao amanhecer, passou por ali um soprador de vidro, a caminho de sua pequena oficina. Vendo que San Ling era bastante jovem, ficou admirado por que estaria dormindo ao relento. Ao sentir o homem curvar-se sobre ele, San Ling acordou:

— Sei que tenho mãos habilidosas para o trabalho, — disse alegremente.

Chegando em sua oficina e lojinha, o soprador de vidro girou cuidadosamente entre os dedos um delicado cálice, para mostrar a San Ling como a luz do sol faiscava alegremente no vidro.

— É preciso mais que trabalhar com as mãos, meu filho. Observe-me, e se quiser aprender os segredos do soprar vidro, podemos fazer um trato, pois sou um homem justo.

San Ling tentou seguidamente trabalhar no vidro quente, para depois procurar uma faísca de sol, por menor que fosse. De olhos no chão, falou baixinho em desespero.

— Ainda não presta. Três meses, e nenhuma peça que servisse.

O soprador de vidro respondeu com voz encorajadora:

— Amanhã tentaremos novamente.

San Ling suspirou:

— Quisera que minhas mãos tivessem a perícia das suas.

— Levei muito, muito tempo aprendendo. Seja paciente consigo mesmo, filho. Tenho bastante tempo para ajudá-lo, pois sou um homem justo.

Uma vez, saiu das mãos de San Ling um pequeno vaso que refletia bastante beleza. O soprador girou-o lentamente à luz do sol.

— Talvez dê para vender, — foi seu comentário.

Durante uma semana, San Ling ficou observando os fregueses entrarem na lojinha. Ouvia as moedas tilintando no bolso do soprador, mas ninguém ligava para o seu vaso. Dizendo desconsolado para si mesmo que não tinha beleza suficiente para alguém desejá-lo, foi procurar o soprador de vidro.

— Há muito tempo que venho comendo da sua co-

mida. Andou gastando seu tempo e esforços comigo, sem proveito para nenhum de nós.

O velho, segurando o braço do rapaz, falou em tom bondoso:

— O trabalho é às vezes a própria recompensa. Mas não fico triste por nós dois. Há muito o que fazer e não devemos trabalhar com desgosto.

Mas San Ling não conseguia trabalhar. Ficava vigiando a freguesia que comprava os belos artefatos de vidro feitos pelo mestre, e suas mãos ficavam inertes.

Um dia, o soprador disse pensativamente:

— Seu pai costumava levantar-se ao despontar do dia?

— Sei lá eu, — respondeu San Ling impacientemente, sacudindo a cabeça.

O mestre ficou calado por uns momentos, depois falou em tom persuasivo:

— Se você não conhece os hábitos de seu pai, é preciso que volte para junto dele, a fim de observá-lo cuidadosamente e...

Nunca antes San Ling ousara interromper seu mestre. Mas agora, gritou em tom de protesto:

— Mas eu não quero saber das habilidades do meu pai. Ele é apenas um lavrador.

Andava de lá para cá, agitando os braços a esmo.

— Estou pedindo somente que você procure descobrir os motivos do sucesso de seu pai, — ponderou o soprador.

San Ling baixou os olhos, curvando-se em respeito e admiração. Na metade do dia seguinte, já vencera boa parte do caminho para a aldeia de sua infância.

— Meu pai é meu pai. Não conheço os seus sucessos. Nunca me importei com os seus hábitos. Ele já estava no campo, quando eu acordava e continuava lá, enquanto a infância me fazia dormir.

Estes e outros sérios pensamentos apressavam seu andar e mantinham-no de olhos abertos. E ele falou de si para si muitas vezes, durante a caminhada.

Ao anoitecer do segundo dia, chegou a campos que lhe eram familiares.

— Já passei por estes sulcos de arado, — falou. Olhando adiante, pôde enxergar a figura curvada do pai, vislumbrando suas mãos que cuidavam gentilmente das plantas novinhas.

Marcadores desse terceiro plantio tremulavam no término de cada fileira pronta. San Ling ficou observando o pai, até que o horizonte estendeu lentamente a escuridão da noite, e seu pai dirigiu-se com passos cansados em busca do lar para tomar a refeição. San Ling suspirou.

— Não vou mostrar-lhe que estou aqui, até que ambos estejamos descansados.

Falando assim, largou a trouxa sob uma das árvores de sua infância e adormeceu.

Antes que a alvorada silenciasse o canto dos galos, San Ling foi despertado por um cantar baixinho e o barulho rítmico da enxada. Sentou-se empertigado e viu o pai já na metade da primeira carreira, tendo ao lado uma pilha de ervas daninhas. As plantas ainda cobertas de gotas cintilantes de orvalho, fizeram sua beleza brilhar no coração de San Ling.

O cantar baixo do pai falava de contentamento e até mesmo de alegria. A memória de San Ling repetiu-lhe as palavras e, observando do esconderijo seguro atrás da árvore, ele pôs-se a sussurrar as palavras junto com o pai.

Os primeiros raios de sol se casavam com o largo sorriso do pai, enquanto parou por um momento para contar as fileiras já capinadas. San Ling continuou escondido, repetindo diversas vezes para si mesmo:

— Não vou mostrar que estou aqui até mais tarde.

Não demorou, o sol já estava alto, e o pai foi para um lugar sombreado, para beber um pouco de água e comer seu almoço frugal.

Após um breve descanso, voltou à enxada, assinando cuidadosamente cada fileira pronta com um marcador de papel colorido amarrado numa vara. Fazia tudo com uma calma e constância que transmitiam ao corpo um lento movimento rítmico.

San Ling via tudo lá da árvore que lhe servira de esconderijo na infância, quando queria escapar de algum trabalho. Agora, porém, não conseguia escapar da vergonha que se insinuava persistente em seus pensamentos.

— Eu me fiz adulto dormindo, — lastimou-se. Mentalmente, viu o pescador cuidando do seu pequeno barco, o lavrador ensinando o filho pequeno. Depois, seus pensamentos voltaram-se para o paciente soprador de vidro a moldar a massa fundida. Não suportava olhar para aqueles campos e os anos de trabalho investidos em toda a beleza que apresentavam. Cobriu o rosto com as mãos.

Logo viu que o pai alcançava o ponto em que estaria voltando para casa. San Ling abandonou a árvore e, certificando-se de não ter sido visto por ninguém, foi em direção da estrada.

Caminhando em largas passadas, olhava adiante, sabendo que chegaria à oficina do soprador de vidro, antes que caísse a segunda noite.

A Irmã Barthel, dona de casa e mãe de sete filhos, vive na Ala Cedar Rapids, Estaca Cedar Rapids (Iowa)

Como Ser Um “Cobra”

Bjarne Christensen

Fazia apenas três dias que estava no exército e já me achava solitário. Imaginem minha alegria, quando, ao ler meu recém-publicado Livro de Mórmon em tamanho reduzido e capa verde-oliva, fui abordado por um simpático colega de serviço militar.

— Ói! Você é mórmon?

— Sou! Você também?

— Não, mas sempre tive vontade de conversar com um mórmon. Você se importa se batermos um papo?

Meu coração quase parou diante de tal perspectiva. Eu próprio era um recém-converso da Igreja e estava impaciente por compartilhar minha ventura.

— O que você quer saber?

Passados uns poucos minutos, porém, desejei nunca termos começado a debater a respeito da Igreja. Aquele sujeito, descobri, tinha o grau de mestrado em filosofia da Universidade de Colúmbia. Como eu não era páreo para ele, logo me reduziu a picadinho.

— Você não pode provar que o Deus em que acredita realmente existe, não é?

— Bem... não, mas...

— Se Deus é realmente tão bom, se realmente se importa tanto com as pessoas como você afirma, como é que permite todo esse sofrimento, guerra, fome etc. existentes no mundo?

— Bem, é que ele...

Minha resposta se perdeu em meio às risadas dos meus companheiros de barraca que se haviam aproximado cautelosamente. Talvez até tivesse sido bom assim, pois o que eu diria de qualquer jeito seria inadequado. Em menos de meia hora, estava completamente arrasado e fui para o meu beliche lamber as feridas, magoado, amargamente resolvido que isto nunca mais haveria de se repetir.

De uma ou outra forma, experiências semelhantes têm provavelmente acontecido a muitos jovens SUD, se não no exército, então talvez na sala de aula ou entre colegas.

Estamos ocupadíssimos hoje em dia, apoiando e defendendo nossas crenças. Todos os ideais prezados por nós, na Igreja, estão sendo engenhosamente combatidos ou questionados com sutileza — os princípios básicos da Igreja, a religião organizada em geral, a unidade familiar e nossa maneira de viver. Jamais ouvi tanta necessi-

dade de sermos capazes de reconhecer argumentos enganadores e falsos como nesta nossa época da nova moralidade, comunicações clangorosas, propaganda política e pretensos mestres que procuram promover sua própria filosofia com tendenciosos malabarismos verbais.

Quando num debate em classe ou conversa particular, você se defronta com a impudente oposição à sua maneira de viver, ao que acha que deve fazer, pensar e dizer, você é capaz de manter pé firme? Recentemente disse o Élder Hanks que “Deus espera que sejamos capazes de enfrentar os mais inteligentes e educados pensadores do mundo no terreno **deles e manter a nossa posição.**”

É uma ordem e tanto, porém não tão difícil como você pode pensar.

NÃO ME CONFUNDA COM FATOS

Já viu alguma vez, em livros ou revistas, uma daquelas figuras ocultas dentro de outra figura? Uma vez descoberta, ela se destaca, não podendo mais ser ignorada, como se estivesse sempre estado ali (como realmente esteve). É só que a princípio não conseguimos identificá-la.

O mesmo se dá com a verdade. As vezes, está tão bem disfarçada, que é preciso desbastar primeiro as camadas superficiais, antes de chegar ao âmago da coisa. O instrumento para conseguir isto é fazer perguntas, perguntas e mais perguntas não apenas para chegar ao ponto em questão, como também para nos mantermos do lado positivo ou mesmo agressivo, se preferir. Propondo perguntas desafiantes, você conseguirá safar-se da sua posição defensiva ou submissa.

Numa aula de psicologia que freqüentei certa vez na universidade, o professor afirmou categoricamente que “não é científico crer em Deus.” Dali surgiram questões acerca de religião, e a classe acabou concluindo que religião organizada era fraude.

Comecei a ferver lá por dentro, mas como minha experiência no serviço militar ainda estava bem vívida em minha memória, não tive coragem de contestar a opinião dos outros. Um aluno sentado lá no fundo da sala, porém, se pôs a fazer algumas perguntas incisivas, penetrantes: “Por que, exatamente, acha o senhor que a religião organizada é indesejável?” O professor enumerou todos os motivos correntes: guerras religiosas, inquisições, riqueza das igrejas, pobreza dos membros em muitas regiões do mundo. “Compreendo seu ponto de vista, Prof. X, mas considerando que existem acima de mil e duzentas formas de religiões organizadas cristãs, o senhor não admitiria a possibilidade de existirem pelo menos algumas com programas proveitosos?” O professor teve que admitir tal possibilidade. Ele não

possuía nem mesmo um conhecimento casual de tantas religiões diversas.

Então surgiu a pergunta fulminante: "Qual é a sua formação religiosa, professor, e qual a sua instrução neste campo?" A resposta foi óbvia — o professor não tivera muita. "Então o senhor não é versado nesse campo como em psicologia?" Diversos alunos ofegaram avidamente, inclusive eu. O professor foi obrigado a conceder, ainda que contrafeito, não ser versado, mas que esse era seu ponto de vista pessoal. O debate retornou rapidamente para questões de psicologia.

O ponto fora atingido; o professor bem o sabia e nós, alunos, também. Ademais, o professor sabia que nós sabíamos. Tive vontade de sair dali dando vivas!

Isto não quer dizer que você deve discutir abertamente com todos os professores ou mestres que não tenham a mesma opinião. Mas não sinta medo ao discordar, se estiver bem informado e sincero.

O caso é que não nos podemos tornar imunes a todos os complexos truques da persuasão e nem mesmo conhecer todos eles; mas podemos, sim, aprender os mais comuns. O ponto de vista do professor baseava-se numa combinação dos cinco erros mais comuns do raciocínio.

1. Falsas Premissas

O professor, como inúmeros outros que a gente encontra, havia deduzido illogicamente que a religião não é compatível com seus feitos históricos, com guerras, maus líderes ou homens de negócios inescrupulosos que freqüentam a igreja no domingo.

Todas as religiões que conhece são organizadas e têm tais ingredientes. Por conseguinte, toda religião organizada não presta.

Você, provavelmente, também já empregou esse tipo de raciocínio. Todos nós usamo-lo às vezes.

A posição resultara, é óbvio, da experiência do professor. Essa experiência deu origem a certas premissas, mas é ilusório querer confundir premissa com verdade. As pessoas muitas vezes se convencem da verdade de uma proposição, porque ela deriva de certas premissas incontestadas. Elas não percebem que as premissas não são necessariamente verdadeiras.

Esse tipo de raciocínio também é muito utilizado durante campanhas políticas. Vemo-lo explorado na venda de produtos e idéias: O álcool é legal. Maconha não é pior que o álcool. Portanto, a maconha deveria ser legal. Ou então: Maconha não prejudica mais que o cigarro. A maior parte do povo fuma cigarros. Portanto, eu deveria poder fumar maconha.

2. Informação Incorreta ou Incompleta.

Nós poderíamos, imaginariamente, ter perguntado

ao professor: "Sua informação é correta? Pode ser confirmada? É atual? As condições podem ter mudado. A informação é completa? Ou será que apresenta ou despreze apenas parte do quadro?"

Estas perguntas poderiam ser feitas em **qualquer** discussão, a respeito de praticamente todo assunto. Informação incorreta ou incompleta nos leva freqüentemente a generalizações precipitadas.

3. Ele (ou ela) Entende do Assunto?

O tal professor era versado em psicologia, mas, e quanto à religião? Um entendido ou autoridade deve ter tido instrução especial, conhecimento especial e experiência no assunto em pauta. Deve ser honesto e exato. Sem preconceitos, também. Ser preconcebido é deixar de ser autoridade. E não caia no argumento jornalístico do: "Afirma conhecida autoridade..." Para ser autoridade ou entendido, ele deve ser claramente identificado. Além do mais, num campo de ciências exatas, tal como a química ou mecânica nuclear, é necessário o testemunho da autoridade.

Mas, quando o assunto se prende à matéria inexacta, como religião, moral, gosto, amor, tal testemunho se torna mera opinião. É por isto que necessitamos de **autoridades** na Igreja. Eles são nossos extraordinários entendidos espirituais. Sem eles, a história o prova, grande parte da verdade é muito mais difícil, se não impossível de encontrar. E, acima de tudo, podemos confiar seguramente em seus motivos para que nos influenciem.

4. Tradição

John, um converso oriundo da Dinamarca, recentemente retornou ao seu país pela primeira vez, desde



que partiu para Sião há vinte anos. Esperando poder falar a respeito do Evangelho com seus familiares, encontrou em toda parte o mesmo argumento: "**Min Barnetro** (a fé que é de meus pais) me basta." E isso encerrava a questão.

Não só indivíduos como também muitas igrejas cristãs propagam o Evangelho, de acordo com a interpretação de séculos atrás. Alguns irmãos nossos em outras igrejas canonizaram a tradição como fundamento de certas crenças evangélicas. Um bom exemplo é o celibato. Há teólogos que nem mesmo citam referências escriturísticas para seus hábitos; falam meramente de tradição.

Esse professor também foi culpado de usar indiretamente a tradição quanto a achar que toda religião organizada é sem valia.

Existem, naturalmente, velhos princípios que devemos preservar a todo custo, e outros de que nos deveríamos descartar. A tradição, porém, é muitas vezes uma monstruosa algema mental, usada pelas pessoas para repelir idéias novas, mas verdadeiras.

5. Tudo ou Nada

Tívéssemos perguntado ao tal professor a respeito do uso de termos absolutos no pensar e falar, ele teria respondido imediatamente que a utilização de termos como **sempre, todos, nunca, certamente e obviamente**, e de generalizações tal como **todo vendedor**, todo mundo, todo líder sindical e (não nos esqueçamos) **toda religião**, nos identificaria como pessoas tensas e defensivas. O mesmo é verdade em relação ao argumento de **um-ou-outro, tudo-ou-nada e bom-ou-mau**.

Embora a verdade absoluta seja um caso de preto e branco, como aprendemos no Evangelho, freqüentemente percorre toda a gama do arco-íris. As afirmativas **tudo-ou-nada** muitas vezes implicam numa simplificação imatura que simplesmente não é válida. Aceitando a posição de que não existe um meio termo num assunto, você é forçado para o canto preto ou branco.

A falácia de tudo-ou-nada é uma importante arma dos políticos. Seus amigos usam-na igualmente, exatamente como o farão seus colegas de escola. Quase tudo ou todos são rotulados descuidadamente. Aprenda a pensar em termos objetivos.

Muito bem, então vejamos. Indagando **quem** quer que você faça, **o que** e quais serão as conseqüências se o **fizer** ou **não**, você conseguirá manter-se longe das águas turbulentas e conseguirá alcançar o que **você** deseja. Os cinco pontos que acabamos de discutir ajudá-lo-ão a manter pé firme, quando tiver decidido seguir um rumo proveitoso. Desde que aprenda a identificá-los com rapidez, suas perguntas fulminantes surgirão auto-

maticamente, e serão devastadoras.

VIRAR O FEITIÇO...

Vicky, recém conversa na Igreja e estudante em uma grande universidade, estava sendo apoquentada por um par de colegas de classe por causa de suas opiniões sobre moral. Em lugar de dizer que isto fazia parte de seus princípios religiosos, ela sabiamente contra-atacou, com uma pergunta astuta: "Vocês duas falam como se relutassem tristemente em assumir qualquer tipo de valores morais. Será mesmo?" Aturdidas, as garotas murmuraram uma resposta incoerente, diante da súbita e inesperada reviravolta. "Vejam," ela prosseguiu, "enquanto vocês talvez tenham perdido a fé em qualquer dimensão moral, eu, e muitos outros que conheço, estamos encontrando novo sentido em certos princípios extraordinários aprendidos recentemente. Gostaria de contar-lhes..."

A pergunta fulminante tira o ímpeto da pergunta do oponente e fá-la retornar ao interrogador. A resposta de Vicky fez exatamente isso.

Outra excelente técnica, particularmente quando a conversa gira em torno de um princípio do Evangelho, é indagar: "Você deseja saber realmente ou é apenas curiosidade?" De alguma forma, isto em geral coloca a conversa na devida perspectiva para você.

Quando estiver em dúvida sobre o que falar, use seu bom senso. Acima de tudo, o fato de não saber, honestamente, não deve deprimi-lo. Muitas vezes é preferível às várias formas de tolices semânticas que passam por respostas. Quando você não souber alguma coisa, pergunte a uma pessoa de sua confiança. Se os seus amigos, pais ou bispo não souberem responder, o Pai Celestial o fará. Por que não adquirir o hábito de pedir a aprovação dele para suas escolhas ou decisões?

Existem também certas regras de boa conversação e debate que você deveria conhecer. Evite o modo argumentativo. Não levante a voz. Quem o faz prejudica sua eficiência. Discorde da posição de outra pessoa só depois de ter sido capaz de contradizê-la satisfatoriamente (na opinião dela). Sorria; mostre seus sentimentos amigáveis pela maneira de dizer as coisas. Tenha tato; **pense** antes de falar, não depois. Não se mostre dogmático, nem condescendente. Se aparentar uma atitude superior, logo estará falando sozinho. Não procure ser o centro das atenções, usando pilhérias para dar sabor ao que acha uma reunião sensaborona. Não engula metade das palavras; fale clara e audivelmente. E por fim, formule perguntas e mais perguntas. Quando lhe fizerem uma pergunta, você muitas vezes poderá responder com outra pergunta. E o mais importante de tudo, leia o máximo que puder. Se não o fizer, você jamais será um "**cobra**".

A Criação

No princípio, o Pai Celestial e seu Filho, Jesus Cristo, formaram a terra. E a terra era vazia, porque não haviam colocado coisa alguma sobre ela. E trevas cobriam-na toda.

E disseram: "Haja luz", e houve luz. Então separaram a luz das trevas e chamaram à luz Dia, e às trevas Noite.

Depois, criaram o firmamento acima das águas da terra.

A seguir, o Pai Celestial e seu Filho, Jesus, juntaram as águas, fazendo aparecer terra seca. E à porção seca deram o nome de Terra, e às águas, Mares.

E organizaram a terra para produzir grama, ervas e árvores.

E então Deus e seu Filho colocaram luzes no firmamento; para separar o dia da noite. A luz maior que governaria o dia era o sol, e a governante da noite, a lua. Com a luz também puseram as estrelas.

E o Pai Celestial e Jesus prepararam as águas para produzir grandes baleias e peixes, e também aves para voar sobre a terra; e a terra foi preparada para produzir gado e seres rastejantes e toda espécie de animais.

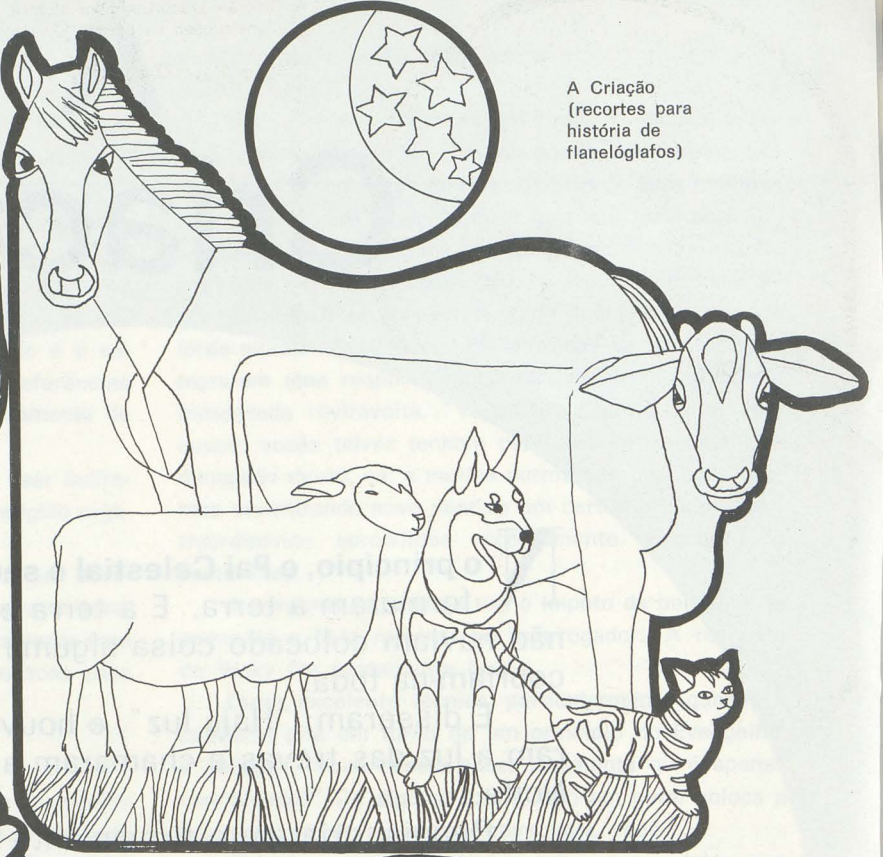
E o Pai Celestial falou: "Façamos o homem à nossa imagem." E criaram macho e fêmea, e os abençoaram.

No sétimo dia, eles descansaram de toda a obra, e abençoaram o sétimo dia e o santificaram.

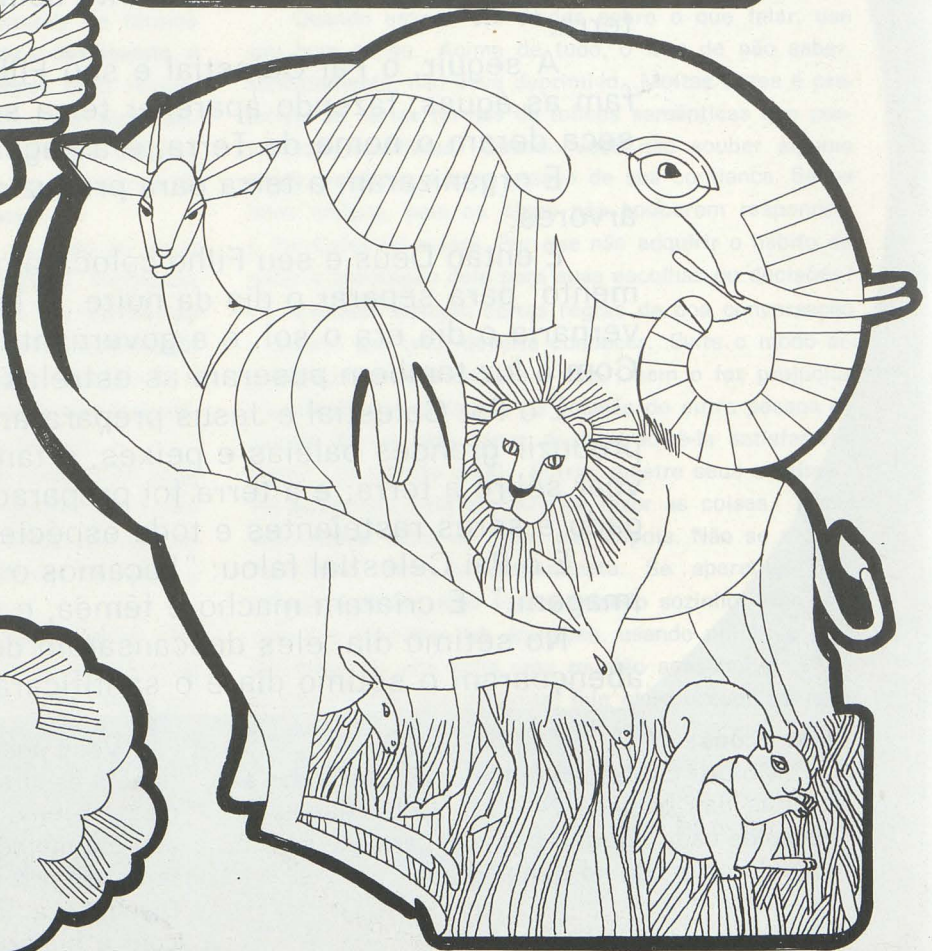
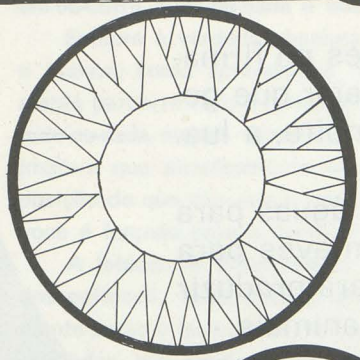
Instruções:

Colorir cuidadosamente e recortar todas as figuras das páginas 24 e 25. Colar flanela no verso de cada figura recortada, para que se fite, quando colocada no flanelógrafo.

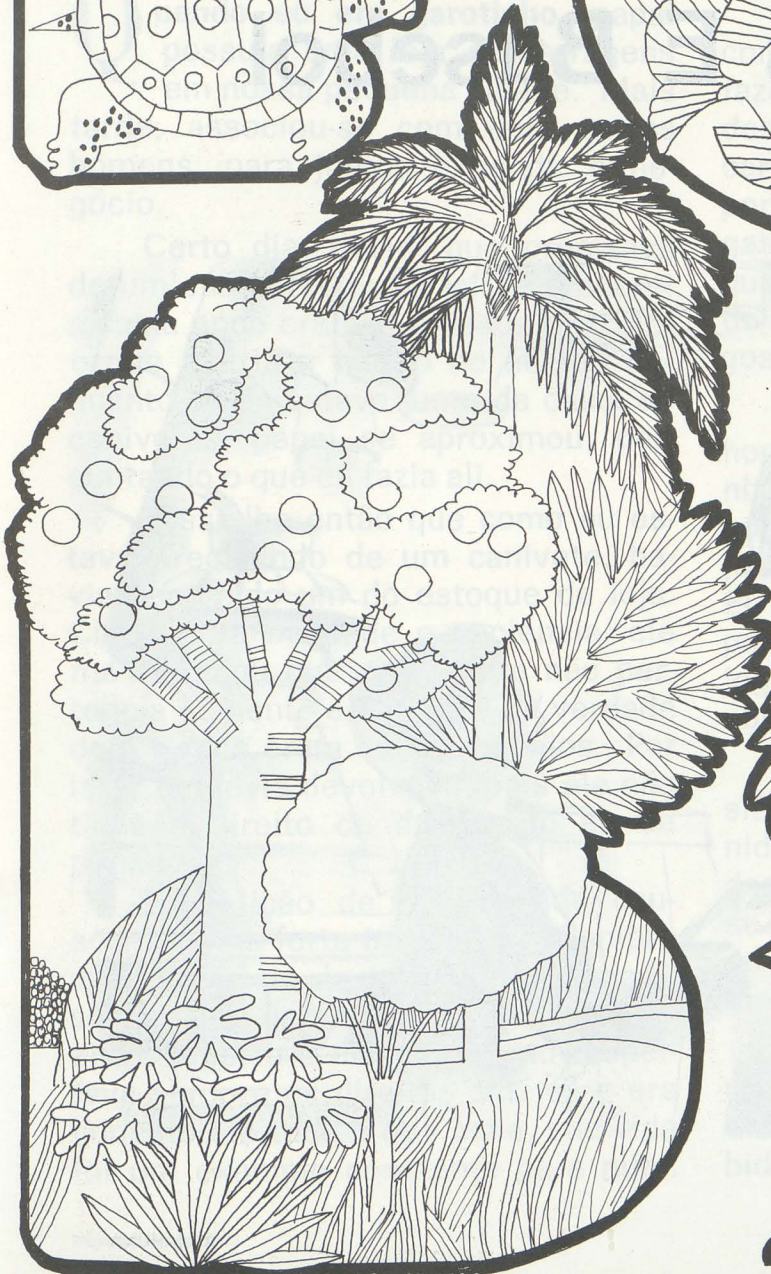
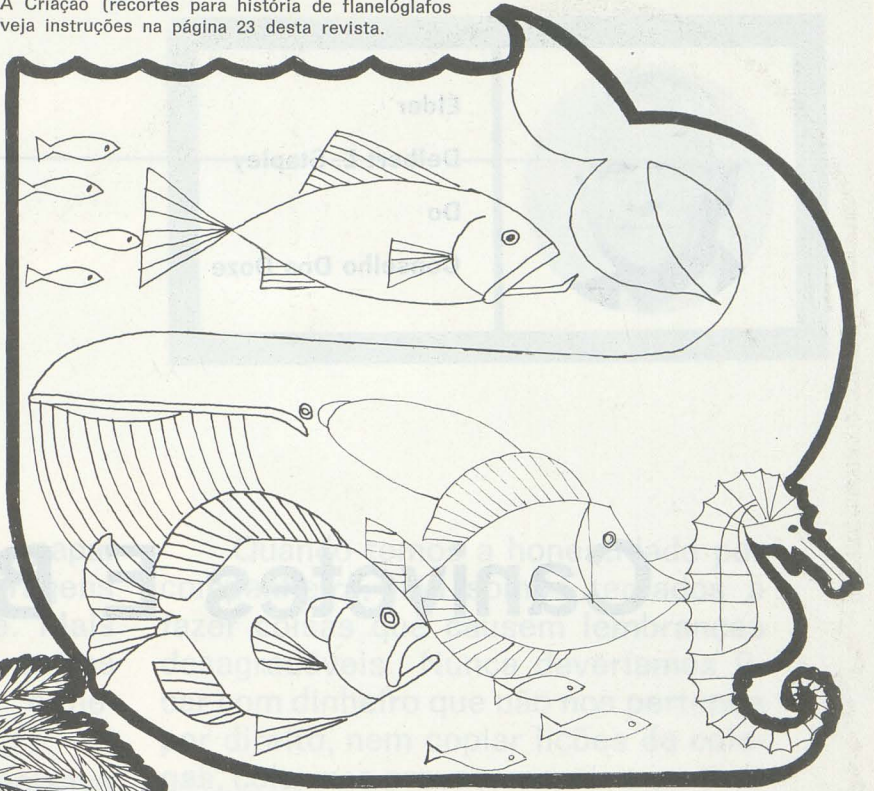
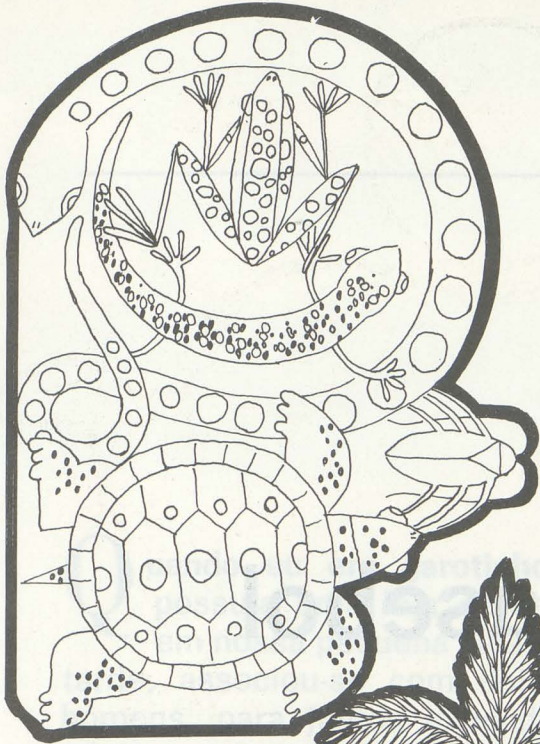
Você poderia recortar ainda um círculo de flanela escura para representar o globo terrestre. Um meio círculo de flanela azul, colocado sobre a metade do círculo escuro, servirá para representar a separação das águas e terra seca. Disponha a figura no flanelógrafo de acordo com a história.

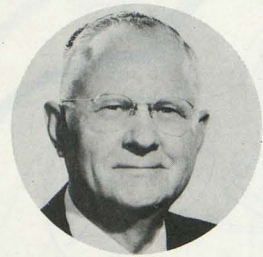


A Criação
(recortes para
história de
flanelógrafos)



A Criação (recortes para história de flanelógrafos
veja instruções na página 23 desta revista.





**Élder
Delbert L. Stapley
Do
Conselho Dos Doze**

Canivetes E Basebol



Quando eu era garotinho, papai possuía uma loja de ferragens em nossa pequena cidade. Mais tarde, associou-se com dois outros homens, para juntos expandir o negócio.

Certo dia, decidi que precisava de um canivete. Fui à loja e procurei a caixa onde eram guardados. Escolhi o que queria e meti-o no bolso. Enquanto ainda estava junto da caixa de canivetes, papai se aproximou, perguntando o que eu fazia ali.

Disse-lhe então que como eu estava precisando de um canivete, havia escolhido um do estoque da loja. Com muita bondade e paciência, ele me explicou que o canivete não pertencia somente a ele, pois na verdade dois terços eram de seus sócios. Por isso, eu devia devolvê-lo, pois ele não tinha o direito de dá-lo nem eu de pegá-lo.

Essa lição de honestidade causou-me uma forte impressão. Sempre apreciei o fato de meu pai ter-se dado ao trabalho de ensinar-me a distinguir entre o certo e errado. Como respeitava sempre os direitos alheios e era honesto em tudo o que fazia, sua vida foi um exemplo constante para mim.

Quando temos a honestidade por companheira, não somos tentados a fazer coisas que causem lembranças desagradáveis. Nunca deveríamos ficar com dinheiro que não nos pertence por direito, nem copiar lições de colegas, colar nas provas, mentir nem tirar qualquer coisa que não é nossa. Quando somos honestos com nossos amigos, estamos sendo justos conosco.

Papai também me ensinou a ser honesto na santificação do dia do Senhor. Ainda me lembro de como ele gostava de jogar baseball. Contudo, jamais jogou uma partida no domingo. Eu também gostava muito desse esporte. Meu pai pediu-me que nunca jogasse bola aos domingos, e prometi obedecer ao seu desejo.

Cumpri a promessa feita na ocasião em que me ofereceram a oportunidade de tentar uma vaga num time dos grandes. Deixar escapá-la tornou-se menos difícil, quando me lembrei do exemplo de meu pai a quem eu tanto respeitava.

Sou muito grato por meus pais que compreendiam o que era certo e diariamente me davam lições de proibidade, integridade e honradez.

A Bola De Futebol

Sherrie Johson

Júlio examinava encantado a bola de futebol novinha, branca e preta. Girou-a nas mãos e correu os dedos levemente sobre as costuras.

— Você gostou? — perguntou Tia Maria.

— E como! — respondeu o menino, ainda não podendo acreditar que era realmente sua. — Mas por que a senhora me está dando a bola?

Tia Maria deu uma risadinha.

— Porque você me ajuda bastante. Leva recados para mim, ajuda-me a varrer o quintal. Você até que merece muito mais que uma bola,

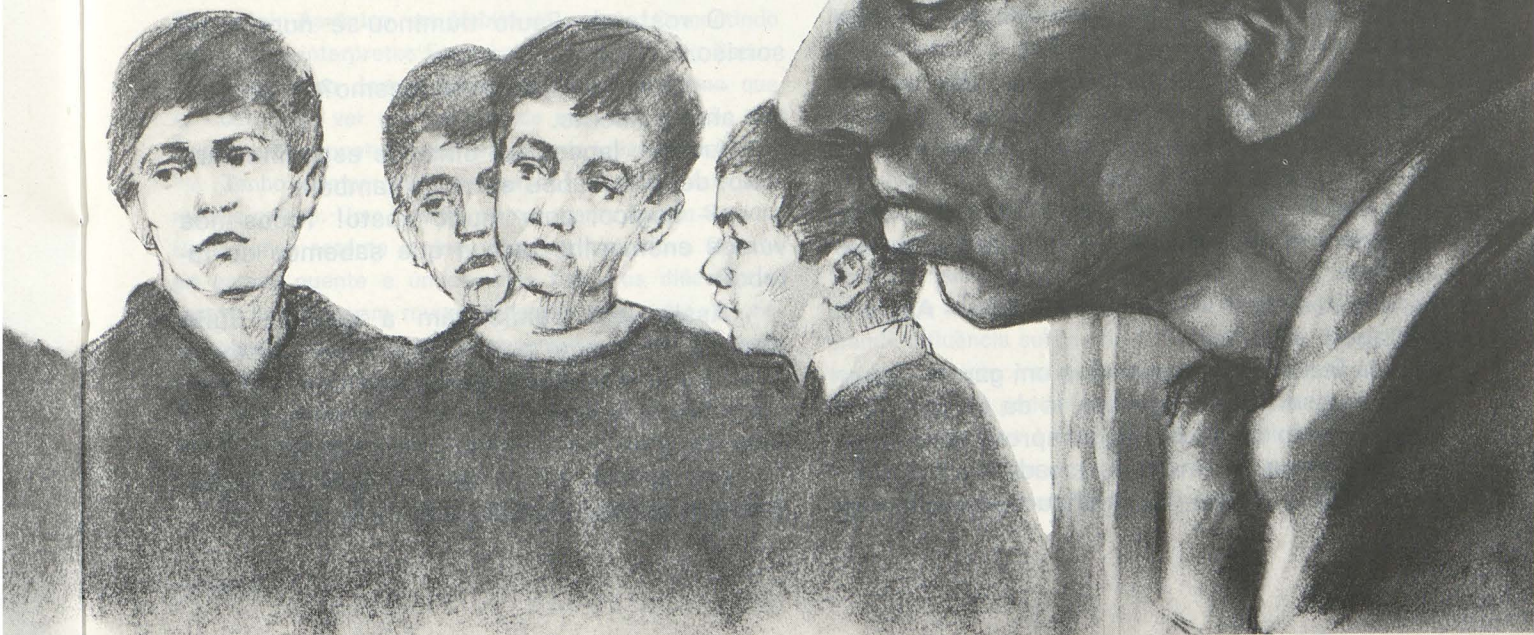


mas é tudo o que lhe posso dar. Espero que se divirta com ela.

Júlio olhou para a tia. Era conhecedor de que ela não tinha quase recursos e ficou imaginando se era justo aceitar um presente assim. Mas os olhos dela diziam-lhe que ficaria magoada, se não aceitasse a bola.

— Então, muito obrigado, — disse mansamente.

— Tudo o que peço é que se lembre sempre por que a ganhou, — replicou a tia. — Agora vá jogar.



Júlio agradeceu mais uma vez e saiu correndo animadamente, para aproveitar o lindo dia de primavera. Rolando a bola constantemente entre as mãos, imaginava o que a tia teria querido dizer com aquele "Lembre-se sempre porque a ganhou".

Mas vendo as plantas em plena floração primaveril, Júlio logo se esqueceu da pergunta, pois primavera significa bom tempo, bom tempo significava peladas com os companheiros, e ainda por cima com sua própria bola!

Júlio deixou a bola ir ao chão, chutando-a habilmente pelo calçamento irregular do passeio, enquanto corria.

— Ei, onde você arranjou essa bola nova?
— quis saber Antônio, assim que viu o amigo.

— Ganhei da Tia Maria, — replicou Júlio, orgulhosamente.

— Bacana! Posso jogar com você?

— Lógico! — foi a resposta de Júlio.

Os dois ficaram chutando a bola entre si. Não demorou, foram aparecendo outros garotos, e logo havia número suficiente para iniciar uma partida de futebol.

Tia Maria estava à janela, observando a pelada, conforme Júlio percebeu pelo canto dos olhos, enquanto jogava.

Ele adorava jogar bola e era um bom futebolista. Sua esperança era algum dia pertencer ao selecionado do Brasil. **Tia Maria sabe disso**, pensou. **Quem sabe foi por isso que me deu a bola.**

Mas logo se esqueceu de pensar mais a respeito, quando viu a bola voando em sua direção. Jeitosamente, ele a controlou, conduzindo-a para junto do gol imaginário.

Ao chegar perto do gol, chutou de ponta, fazendo-a zunir pelo ar, certamente dentro da meta.

— Boa bola! — gritou Antônio. — Agora a vantagem é nossa!

Já fazia algum tempo que um garoto menor estava observando a partida lá da calçada. Depois, criando coragem, foi-se aproximando com passos lentos do grupo de jogadores.

— Essa não! — cochichou Antônio. — Lá

vem o Paulo, outra vez. Não o deixe jogar. Ele sempre atrapalha o jogo. Se ele entrar, garanto que acabamos perdendo!

O Paulo não sabia jogar grande coisa, lá isso era verdade. Quase sempre perdia a bola para o adversário, e em diversas ocasiões, tinha-se até enganado de gol. Mas Júlio sabia o quanto ele gostava de jogar.

— Posso jogar também? — perguntou Paulo, esperançosamente, ao chegar junto deles.

Júlio olhou para os outros e ia já dizer não, quando se lembrou de dar uma olhadela para onde estava a Tia Maria. O rosto dela pareceu-lhe tenso de preocupação, esperando igualmente pela resposta dele.

Lembre-se sempre por que a ganhou. As palavras da tia vieram à mente de Júlio, fazendo-o olhar mais uma vez para os lados da janela. Ele havia compartilhado de seu tempo e energias para ajudá-la, e ficou imaginando se não estava tentando dizer-lhe que continuasse a dar de si.

Júlio desviou os olhos da janela; depois voltou-se para Paulo.

— Você pode jogar, como não! — E antes que alguém dissesse qualquer coisa, acrescentou: — Como o Antônio joga muito bem, vou pedir que ajude você, para que vá aprendendo a jogar melhor.

O rosto de Paulo iluminou-se num largo sorriso.

— Você vai ensinar-me mesmo? — perguntou ansiosamente.

Antônio lançou um olhar de esguelha para Júlio, depois acabou sorrindo também.

— Lógico, com muito gosto! Todos nós vamos ensinar-lhe tudo o que sabemos de futebol.

Assim que reiniciaram a partida, Júlio olhou furtivamente para a janela da tia Maria, que estava sorrindo e aprovando com um movimento de cabeça. Júlio acenou levemente a mão antes de sair correndo pelo campo.

De repente, ele soube por que Tia Maria lhe havia dado a nova bola de futebol.



Uma Entrevista Com O Bispo Victor L. Brown

Ao viajar pelo mundo afora, qual tem sido sua impressão a respeito da juventude da Igreja?

Sempre que tenho encontrado jovens da Igreja, observei um comprometimento e dedicação realmente inspiradores. No Brasil, por exemplo, presenciei um concurso de Escrituras para jovens do Sacerdócio Aarônico, em âmbito de missão. Competindo em citar e interpretar Escrituras, os rapazes do Sacerdócio Aarônico demonstravam aquele entusiasmo que se costumava ver em partidas de basquete — não tão barulhento e impetuoso, talvez, mas de igual intensidade.

Tenho comparecido a reuniões sacramentais em muitos países. Uma que me vem à mente foi em Samoa. Havia umas setenta e cinco pessoas presentes. O tempo estava quente e úmido, mas todos os diáconos e sacerdotes trajavam roupas limpas e adequadas. O presidente da estaca que me acompanhava contou que essa era uma das maneiras de demonstrarem respeito pelo Senhor e suas ordenanças sagradas. Essa manifestação exterior era uma forte evidência do profundo comprometimento interior.

Em suma: Penso que, quando o espírito testifica,

não importa qual seja a cultura a que se pertence, a língua que se fala, ou a cor da pele que se tem. Ainda que os problemas enfrentados pelos jovens possam diferir em certos aspectos motivados pela diversidade de culturas, quando o Evangelho começa a florir em seus corações, sua influência imbuidora faz com que todos se unam na fraternidade evangélica. O Evangelho é, de fato, universal e acabará unindo todos os povos na fraternidade universal do Sacerdócio de Deus, e a juventude de hoje se constituirá nos homens portadores das bênçãos dessa irmandade.

Um dos problemas comuns a todos os jovens é o da pressão social no tocante ao modo de trajar e apresentar-se, pureza pessoal, drogas e assim por diante. Poderia dar-nos algumas palavras de encorajamento e conselho?

A pressão social é uma realidade e nós o reconhecemos. Ao mesmo tempo, quem sabe, tenhamos falado demasiado a respeito da pressão social negativa. Creio que existe uma pressão social positiva ainda mais poderosa. Se a pessoa conviver com amigos de vida limpa, ela achará muito difícil e embaraçoso envolver-se em comportamento imoral. Os padrões morais da Igreja e do Evangelho são idênticos em toda parte. Honradez, integridade e pureza estão entre as virtudes que todos nós, como autênticos seguidores de Cristo, temos que viver. Por exemplo, podem existir diferenças na atitude cultural ou social na questão do sexo, no que diz respeito ao mundo, mas o padrão do Evangelho é um só. Não há margem para racionalização ou concessões. Quando todo membro jovem da Igreja chegar a entender por que o Senhor ensina recato no vestir, na conduta, no falar, penso que as pressões da sociedade deixarão de exercer grande influência sobre ele. O Senhor disse: "Não adulterarás", e isto inclui fornicação e homossexualismo. Nossos jovens podem entender que a falta de recato muitas vezes leva à fornicação e ao adultério, e percebem o perigo de se exporem à vista do sexo oposto. Se nossa juventude compreender de fato os princípios fun-

damentais do Evangelho, não mais se preocuparão com coisas tais como mini-saias, calças justas etc. Não é tanto uma questão de comprimento das saias, como uma questão de se entender recato, virtude e respeito próprio.

Creio que uma das lições mais importantes dadas pelo Profeta Joseph Smith foi quando lhe perguntaram: "Como governa o seu povo?", e ele respondeu: "Ensino-lhes princípios corretos e eles governam a si próprios." O princípio não é a saia curta. O princípio é representar o Senhor por meio de uma vida pura e limpa. Roupas e conduta indecentes derrubam esse princípio. Para mim, o mais importante é que a juventude entenda os princípios fundamentais. Se viverem estes, não teremos que nos preocupar com os outros.

No que toca às drogas, elas são um grande mal — um dos instrumentos mais eficientes de Satanás. Destruindo o livre arbítrio, as drogas dificultam extremamente o arrependimento. Nosso conselho, obviamente, é evitar a qualquer custo tanto as drogas como os que se envolvem com elas. Se um jovem já se deixou apanhar no laço, deve procurar imediatamente seus pais ou bispo, para que estes o ajudem a vencer o hábito.

A Igreja costuma dar muita ênfase à instrução; entretanto, em certas regiões, não existem muitas oportunidades para se obter educação superior. Além disso, às vezes há poucas oportunidades para se usar tal instrução. O que o senhor aconselha?

Acho que, às vezes, erramos ao declarar que todo jovem deveria obter uma instrução universitária. Ela é ótima, quando apropriada aos nossos objetivos. Existem, contudo, outras metas que têm o mesmo valor e não devem ser desprezadas, isto é, instrução e adestramento em ofícios. É exatamente tão honroso ser encanador como médico, desde que o indivíduo seja um bom encanador ou bom médico. O princípio ensinado pelo Evangelho é que jamais nos devemos satisfazer com a mediocridade, mas, antes, alcançar a excelência em tudo o que fizermos, desde que honesto.

A atividade na Igreja provê uma experiência prática maravilhosa para seus membros, podendo fornecer a base para o sucesso em muitos aspectos da vida. O jovem que participa ativamente das artes (teatro, oratória, música etc.) — por esse seu "background" — em geral se destaca grandemente dos colegas de idade que tão tiveram tais oportunidades. E então, somando fé e esforço com educação ou aprendizado, ele poderá alcançar genuíno sucesso, seja qual for a profissão escolhida. Ele subirá naturalmente, não obstante condições sociais e políticas. Encontrará o caminho para uma vida bem sucedida e produtiva.

Às vezes, as pessoas igualam sucesso com fortuna e fama, e com o fato de obter êxito na profissão. Como o senhor definiria sucesso?

O sucesso econômico é a menos importante medida de sucesso! Em última análise, o homem bem sucedido é aquele preparado para retornar à presença de seu Pai Celestial. Seu renome ou fortuna em coisas deste mundo não terão nenhuma influência no fato dele poder ou não voltar ao Pai Celeste. Na realidade, pessoa bem sucedida é aquela que ama suficientemente o Senhor, para guardar seus mandamentos. Pode não estar em verdade satisfeita com suas condições temporais, mas pode ter a paz que ultrapassa todo entendimento, uma paz que as coisas deste mundo não podem dar.

Outra autêntica medida de sucesso concerne aos que se casam e formam uma família. Seu sucesso será medido pela mordomia exercida sobre os filhos. Um pai ou mãe bem sucedidos procurarão criar filhos que amem ao Pai Celestial e guardem os seus mandamentos. Não existe sucesso maior que este e não tem relação alguma com as posses materiais de uma pessoa. Ao mesmo tempo, porém, o Senhor espera que o homem procure sustentar adequadamente sua família. Isto não significa que precisa oferecer-lhe uma casa dispendiosa ou grande fortuna, mas, sim, que cuide de suas necessidades físicas e espirituais. Quer dizer também que os filhos farão a parte deles em favor de uma vida familiar feliz.

Naturalmente, sempre haverá alguns que permanecerão sós durante a vida inteira. Eles poderão ter sucesso idêntico, se guardarem os mandamentos e viverem o Evangelho, através de serviço prestado aos semelhantes em uma das mil maneiras pelas quais as pessoas precisam ser auxiliadas hoje em dia.

Uma das responsabilidades como bispo presidente é o bem-estar dos membros. O que faz a Igreja atualmente nas áreas do mundo assoladas por fome e doenças?

Nós estamos muito atentos a tais problemas, e trabalhando através dos líderes locais do Sacerdócio para a sua solução. Seguindo os métodos revelados do Senhor, estamos construindo sobre uma base sólida, a fim de que não haja retrocesso depois de algum progresso. A Igreja tem missionários sanitários como também missionários agrícolas. Num futuro próximo, esperamos ter missionários também no campo da assistência social.

Os missionários sanitários são enfermeiras, médicos, dentistas profissionais e outro pessoal treinado em serviços de saúde. Atualmente, há desses missionários especiais trabalhando em diversos países, onde ensinam

o povo a cuidar melhor de suas próprias necessidades. Pelo seu esforço, a próxima geração gozará de melhor saúde e desfrutará uma vida mais proveitosa. Eles também ensinam como cuidar dos bebês, ajudando, assim, a reduzir a elevada taxa de mortalidade infantil existente em certos países. O povo também aprende noções de nutrição utilizando comestíveis cultivados no local, porém ensinando-lhe a equilibrar sua dieta.

Os missionários agrícolas operarão de maneira semelhante à dos missionários sanitários. Ensinarão princípios e práticas agrícolas corretas. Eles não estarão munidos de tratores e outros implementos complexos da moderna agricultura, como se faz nos Estados Unidos. Ensinarão o povo a melhorar no que estão acostumados a fazer — como plantar outras coisas além de milho, como cultivar outros legumes e frutas, como tratar do solo adequadamente, como usar restos da cultura anterior para fertilizante etc.

Nós começamos pelos princípios básicos, ensinando o povo a ajudar a si próprio.

Quais seriam as palavras de conselho ou advertência geral do senhor para a juventude da Igreja em todo o mundo?

O primeiro conselho que eu daria é o do Presidente Harold B. Lee, quando se tornou presidente da Igreja.

Ao lhe perguntarem qual era sua mensagem, ele respondeu que o melhor conselho que podia dar ao povo era que guardasse os mandamentos.

Gostaria de acrescentar mais alguma coisa, mencionando que o programa supervisionado do seminário está agora à disposição de praticamente todo jovem no mundo inteiro. Não importa quão distante esteja uma unidade organizada da Igreja; agora, ele poderá aprender o Evangelho através desse programa. Se a juventude da Igreja estudar o Evangelho e travar conhecimento com o Salvador e suas palavras, guardando seus mandamentos, tudo o mais ser-lhes-á acrescentado. Pois o Senhor afirmou: "... buscai primeiro o reino de Deus, e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas." (Mateus 6:33)

Ser um santo dos últimos dias é algo especial e se torna cada vez mais incomparável, à medida que o mundo se deteriora. Uma de minhas preces é que nossa juventude viva livremente o Evangelho e demonstre, através de sua vida, o que significa ser um verdadeiro santo dos últimos dias.

Quero assegurar aos jovens da Igreja o amor que lhes temos e a confiança que neles depositamos, enquanto estudam e se preparam para, em retidão, serem os líderes dos preparativos para a segunda vinda de nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

Os Bispos Presidentes Da Igreja

Desde 1831, quando o Senhor chamou por revelação o primeiro bispo presidente nesta dispensação, estes dez homens abaixo serviram nesse ofício:

1. Edward Partridge — chamado por revelação para ser bispo, a 4 de

- fevereiro de 1831 aos 38 anos de idade; faleceu no dia 27 de maio de 1840, em Nauvoo.
2. Newel Kimball Whitney — chamado por revelação como primeiro bispo de Kirtland. Foi apoiado como primeiro bispo da Igreja a 7 de outubro de 1844, aos 49 anos; nomeado bispo presidente a 6 de abril de 1847; faleceu na Cidade de Lago Salgado, a 23 de setembro de 1850.
3. Edward Hunter — apoiado no dia 7 de abril de 1851, aos 58 anos de idade; faleceu a 16 de outubro de 1883, na Cidade de Lago Salgado.
4. William Bowker Preston — apoiado a 6 de abril de 1884, aos 53 anos; desobrigado por questões de saúde, a 4 de dezembro de 1907.
5. Charles Wilson Nibley — apoiado a 4 de dezembro de 1907, aos 48 anos de idade; apoiado como segundo conselheiro do Presidente Heber J. Grant, no dia 28 de maio de 1925.
6. Sylvester Quayle Cannon — apoiado a 6 de outubro de 1925, aos 48 anos; apoiado assessor do Conselho dos Doze, a 6 de abril de 1938.
7. LeGrand Richards — apoiado a 6 de abril de 1938, aos 52 anos; ordenado apóstolo no dia 10 de abril de 1952.
8. Joseph L. Wirthlin — apoiado como segundo conselheiro a 6 de abril de 1938; como primeiro conselheiro, a 12 de dezembro de 1946; como bispo presidente, a 6 de abril de 1952, aos 58 anos de idade; desobrigado por questões de saúde, a 30 de setembro de 1961.
9. John H. Vandenberg — apoiado a 30 de setembro de 1961, aos 56 anos de idade; apoiado assistente do Conselho dos Doze, a 6 de abril de 1972.
10. Victor L. Brown — apoiado segundo conselheiro, a 30 de setembro de 1961; como bispo presidente, a 6 de abril de 1972, aos 57 anos de idade.

Atalaia, Avisa Os Impios

Disse o Profeta Ezequiel:

“Filho do homem: Eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel; e tu da minha boca ouvirás a palavra, e os avisarás da minha parte.

“Quando eu disser ao ímpio: Certamente morrerás; não o avisando tu, não falando para avisar o ímpio acerca do seu caminho ímpio, para salvar a sua vida, aquele ímpio morrerá na sua maldade, mas o seu sangue da tua mão o requererei.

“Mas, se avisares o ímpio, e ele não se converter da sua impiedade e do seu caminho ímpio, ele morrerá na sua maldade, mas tu livraste a tua alma.” (Ezequiel 3:17-19)

Os inspirados profetas do Livro de Mórmon previram os nossos dias e advertiram-nos sobre a estratégia do adversário. Eis as suas palavras:

“Pois que, nesse dia, ele (o demônio) assolará os corações dos filhos dos homens e os excitará a se encolerizarem contra o que é bom.

“E a outros pacificará, e os adormecerá em segurança carnal...

“... ai do que escuta os preceitos dos homens e nega o poder de Deus... (8 Néfi, 28:20-21, 26.)

O Senhor deu-nos mais outro aviso por intermédio de um profeta moderno, Joseph Smith:

“Portanto, a voz do Senhor se dirige aos confins da terra, para que todos os que quiserem possam ouvir:



Elder Ezra Taft Benson

Do Conselho dos Doze

“... e se aproxima o dia em que aqueles que não ouvirem a voz do Senhor, nem a de seus servos, nem atenderem às palavras dos profetas e apóstolos, serão desarraigados dentre os povos;

“Pois que se desviaram dos meus estatutos e quebraram o meu eterno convênio;

“Não buscam ao Senhor para estabelecer a sua justiça, mas cada um segue o seu próprio caminho, segundo a imagem do seu próprio Deus, a qual é à semelhança do mundo...

“O que eu, o Senhor, falei, disse e não me escuso; e ainda que passem os céus e a terra, a minha palavra não passará, mas será inteiramente cumprida, seja pela minha própria

voz, ou pela de meus servos, não importa.” (D&C 1:11, 14-16, 38)

Estas advertências foram feitas há cento e quarenta anos. O cumprimento está-se dando agora. A não ser que nos cegue a própria complacência e a malícia dos homens ímpios, somos testemunhas vivas desse cumprimento.

Como atalaia na torre de Sião, é nosso dever e direito como líderes, denunciarmos os males de hoje — males que ameaçam o próprio fundamento de tudo o que nos é caro como verdadeira igreja de Cristo e como membros de nações cristãs.

Como um desses atalaia que sou, com profundo amor à humanidade, aceito humildemente essa obrigação e desafio, empenhando-me com alegria a cumprir sem temor o meu dever. Em tempos sérios como estes, não podemos permitir que o medo de críticas nos impeça de levar avante o nosso dever, mesmo ao risco de nosso conselho ser taxado de político, visto que o governo está se entrelaçando cada vez mais em nossa vida cotidiana.

Desta crise pela qual estamos agora passando, fomos suficientemente avisados. Isto tem provocado certo criticismo. Existem entre nós aqueles que não querem ouvir a mensagem. Ela é embaraçosa. As coisas que ameaçam nossa vida, nosso bem-estar, nossas liberdades são exatamente

te as que alguns de nós vêm tolerando. Muitos são os que não querem ser perturbados, preferindo continuar gozando sua confortável complacência.

A Igreja se alicerça na verdade eterna. Não transigimos quanto a princípios. Não renunciamos a nosso lema de conduta, sejam quais forem as tendências ou pressões do momento. Como igreja, nossa fidelidade às coisas verdadeiras é inabalável. Falar contra atos imorais ou injustos tem sido o encargo de profetas e discípulos de Deus desde os tempos imemoriais. Foi por essa razão que muito deles foram perseguidos. Não obstante, era sua tarefa divina, como atalhas na torre, dar aviso ao povo.

Estamos vivendo numa época de apaziguamento — sacrificando o princípio. Apaziguar não é a solução. Jamais será a resposta certa.

Um dos atalhas modernos da Igreja fez esta grave advertência:

“Uma fidelidade vacilante mata, enquanto a devoção apaixonada dá vida e alma a qualquer causa e seus adeptos. As dificuldades do mundo podem em grande parte ser imputadas aos que não são nem quentes nem frios, que sempre seguem a linha de menor resistência, cujo coração pusilânime treme em tomar o partido da verdade. Assim como no grande conselho celeste, também na Igreja de Cristo aqui na terra não pode haver neutralidade. Ou estamos do lado do Senhor ou não estamos. A fé inflexível, infensa a qualquer transigência, levará a Igreja e cada membro dela ao triunfo e consecução de nosso sublime destino.

“Os conquistadores finais do mundo serão os homens e mulheres, se muitos ou poucos não importa, que se apeguem destemida e inflexivelmente à verdade, que são capazes de dizer não, bem como sim, em cujo estandarte altivo está inscrito: Nenhuma transigência com o erro...

“Tolerância não é conformar-se com as opiniões e práticas do mundo. **Não devemos renunciar às nossas crenças para agradar às pessoas**, por mais queridas e influentes que sejam. O preço pago por uma posição social ou mesmo pela harmonia pode ser alto demais... O Evangelho se alicerça na verdade eterna; e nunca é seguro desertar da verdade.” (John A. Widtsoe, **Conference Report**, Abril de 1941, pp. 117, 116)

Foi muito bem dito que “nosso maior problema nacional é a erosão. Não a erosão do solo, mas da moralidade nacional”.

No ano de 1831, chegou aos Estados Unidos o famoso historiador francês Alexis de Tocqueville para, a pedido do seu governo, estudar as ins-

tuições penais americanas. Ele fez ainda um minucioso estudo das organizações políticas e sociais. Como resultado dessa obra de quatro volumes, intitulada **Democracia na América**, de Tocqueville em menos de dez anos adquiriu fama mundial. Segue uma de suas comovedoras explicações da grandeza da América:

“Procurei a grandeza e talento da América em seus cómodos portos e amplos rios, mas não estava lá; em seus férteis campos e imensas pradarias, e não estava lá; em suas ricas minas e seu vasto comércio mundial, e não estava lá também. Somente quando entrei nas igrejas da América e ouvi seus púlpitos inflamados de retidão foi que entendi o segredo de seu caráter e poder. A América



O Senhor deu-nos mais outro aviso por intermédio de um profeta moderno, Joseph Smith: “... e se aproxima o dia em que aqueles que não ouvirem a voz do Senhor, nem a de seus servos, nem atenderem às palavras dos profetas e apóstolos, serão desarraigados dentre os povos”

é grande, porque é boa, e se alguma vez deixar de ser boa, a América cessará de ser grande." (**Prophets, Principles and National Survival**, compilado por Jerreld L. Newquist [Salt Lake City, Utah Publishers Press, 1964] p. 60)

Até que ponto chega nossa vontade de permanecermos livres — de sermos bons? Modo de pensar errado e falsas ideologias, nos mais atraentes disfarces, procuram solapar sub-repticiamente — quase que de maneira imperceptível — nossas defesas morais e cativar nossas mentes. Elas seduzem com auspiciosas promessas de segurança, com muitas garantias do berço à sepultura. Estão mascaradas sob vários nomes, mas todas podem ser identificadas por uma coisa — uma coisa comum a todas elas: corroer o caráter e a liberdade do homem de pensar e agir por si mesmo.

Haverá empenho em nos embalar com falsa segurança. Propostas são e serão oferecidas, e patrocinados acessíveis programas. Os mais perigosos geralmente ostentam rótulos atraentes, muitas vezes em nome do bem-estar público e da segurança pessoal. Também aqui, não nos deixemos iludir.

A liberdade pode ser destruída tanto pela negligência como por ataque direto.

Há tempo demais, os povos do mundo livre em geral, vêm agindo como cúmplices calados dos crimes de assalto contra a liberdade — assalto contra os fundamentais princípios e tradições econômicas e espirituais que são a força das nações.

Façamos empenho em progredir no caminho do bem e da liberdade. Com a ajuda e bênçãos do Senhor, os povos do mundo livre podem e hão de enfrentar o amanhã sem medo, sem dúvidas e com plena confiança.

Um político, anos atrás, identificou precisamente o problema da seguinte forma:

"Não necessitamos de mais desenvolvimento material, urge maior desenvolvimento espiritual. Não necessitamos de mais capacidade intelectual, cumpre que exista maior força moral. Não necessitamos de mais conhecimento, precisamos de mais caráter. Não necessitamos de mais governo, precisamos de maior cultura. Não necessitamos de mais leis, precisamos de mais religião. Não necessitamos de mais coisas visíveis, precisamos mais das coisas que não podem ser vistas. É nesta faceta da vida que seria preciso dar ênfase na época presente. Se esta faceta se fortalecer, o resto cuidará de si mesmo. Este é o lado fundamental de tudo o mais. Se o fundamento for sólido, a super-estrutura se manterá firme." (**Prophets, Principles and National Survival**, p. 35)

Como povo livre, estamos seguindo muito de perto, sob certos aspectos, o caminho que levou à queda do grande Império Romano. Um grupo de renomados historiadores sumariou assim aquelas condições:

"... Roma teve um início não muito diverso do nosso, para depois entrar em dois séculos de grandeza, atingindo seu auge no segundo século, e entrando em declínio e colapso no terceiro. No entanto, as marcas de decadência já se tornaram aparentes nos últimos anos daquele segundo século.

"Conta-se que houve um imenso acréscimo no número de ricos ociosos. Os últimos (os pobres ociosos) eram mantidos por meio de esmola permanente, um sistema de assistência social não muito diverso do nosso. Ao se perpetuar tal sistema, os recebedores de dádivas públicas (auxílio governamental) foram aumentando em número e se organizaram em bloco político de considerável poder. Não hesitavam em vir a público com suas exigências, nem o governo se mostrava hesitante em atender a

elas... e isto com sempre crescente freqüência. Pseudo-imperadores procuravam agradá-los. A grande e sólida classe média — a força de Roma exatamente como a nossa hoje em dia — foi sendo mais e mais taxada, para sustentar a burocracia sempre crescente e cada vez mais poderosa. Os rendimentos sofriam sobre-taxação para enfrentar emergências: O governo fazia gastos deficitários. O denário, moeda de prata equivalente a meio dólar, começou a perder seu tom prateado e adquirir uma nuance acobreada, à medida que o governo ia reduzindo sua percentagem de prata.

"Já então se fez sentir a lei de Gresham, pois a legítima moeda de prata logo desapareceu, permanecendo oculta.

"O serviço militar era uma obrigação altamente respeitada pelos romanos. De fato, qualquer estrangeiro podia obter a cidadania romana, simplesmente apresentando-se como voluntário para servir nas legiões de Roma. Mas, aumentando a riqueza e opulência, os jovens romanos começaram a furtar-se ao serviço militar, procurando escusas para continuar na mansa e sórdida vida urbana. Passaram a usar cosméticos e apresentar-se com trajes e penteados afeminados, até que se tornou difícil, contarmos os historiadores, distinguir os sexos.

"Entre professores e eruditos, havia um grupo chamado 'os cínicos', cujos adeptos deixavam crescer os cabelos e barbas, usavam roupas desalinhas e professavam indiferença aos bens materiais, enquanto escarnciam do que taxavam de 'valores da classe média'.

"A moral decaía. Tornou-se perigoso andar pelas estradas do interior ou ruas da cidade. Os tumultos eram coisa comum, e, às vezes, bairros inteiros de cidades eram incendiados.

"E, durante todo o tempo, as malezas gêmeas da taxaço confiscatória

e progressiva inflação estavam de atalaia para desferir o golpe mortal.

"Então finalmente, essas forças todas venceram a energia e ambição da classe média.

"Roma sucumbiu.

"Nós, agora, estamos-nos aproximando do fim de nosso segundo século." (Discurso proferido por Ronald Reagan, na Faculdade Eisenhower, Nova York, 1969)

Em 1787, Edward Gibbon completou sua grandiosa obra **O Declínio e Queda do Império Romano**. Eis como descreve o caminho dessa queda:

1. O solapamento da honradez e santidade do lar, base de toda sociedade humana.

2. Impostos cada vez mais pesados e o esbanjamento de dinheiros públicos em "pão e circo" gratuitos para a população.

3. A busca louca de prazeres, os esportes tornando-se cada vez mais excitantes e brutais.

4. A produção de armamentos gigantesco, quando o verdadeiro inimigo se encontrava na decadência do povo.

5. O declínio da religião — transformando-se a fé em coisa meramente formal, sem vivência na realidade, incapaz de advertir e guiar o povo.

Haveria aqui um paralelo para os nossos dias? Poderiam as mesmas razões que provocaram a queda de Roma destruir os países do mundo livre?

Durante oito anos, mantive esta piedosa súplica sobre minha mesa de trabalho: "Ó Deus, dá-nos homens com mandatos mais altos que a urna eleitoral."

As lições da História, muitas delas extremamente morigerantes, mereciam maior atenção nesta conjuntura de grandes feitos, porque é no momento do sucesso que corremos o pior perigo. Mesmo durante a hora de grande prosperidade, um país pode estar lançando as sementes de sua própria derrocada. A história mostra

que raramente uma grande civilização é vencida por forças externas, a não ser que esteja internamente debilitada ou corroída.

As lições da História permanecem como marcos indicadores que podem ajudar-nos a traçar seguramente o rumo do futuro.

Na qualidade de cidadãos do mundo livre, precisamos despertar para os problemas que se nos defrontam. Temos que reconhecer que esses princípios fundamentais, básicos — morais e espirituais — foram o próprio alicerce de nossos feitos passados. Para continuarmos a gozar as bênçãos presentes, temos que retornar a eles. Economia e moral são ambas parte de um código inseparável de verdade. Precisam estar em harmonia. Temos que pautar nossas ações de acordo com essas verdades eternas.

A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias defende firmemente os grandes princípios espirituais e morais que têm sido a tradição básica do mundo livre. Opomos-nos a qualquer empenho maléfico para degradar ou desafiar as verdades eternas que foram o sustentáculo da civilização desde o princípio.

Lançaremos mão de todo e qualquer meio honroso para fortalecer o lar e a família; para incentivar a obediência ao primeiro e grande mandamento de multiplicar e povoar a terra, através de nobre paternidade; e para enrijecer o caráter pelo devotamento a elevados princípios espirituais e morais.

Na Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, a castidade jamais estará ultrapassada. Temos um único padrão para homens e mulheres, e esse padrão é pureza moral. Combatemos e abominamos a prática danosa do aborto indiscriminado e todo e qualquer outro ato ímpio e impuro que solapar o próprio alicerce do lar e da família, nossas fundamentais instituições.

O prosseguimento dessas práticas imorais certamente acarretará a ira e julgamentos do Todo Poderoso.

Em nossa concentração no materialismo e bens materiais, estaremos olvidando a base espiritual na qual se apóiam nosso progresso, segurança e liberdade? Que Deus nos ajude a nos arrependermos de nossos erros e maldades, e a nos humilhar diante do poder ofendido.

Existe uma grande segurança numa nação que se põe de joelhos.

Quanta certeza não nos daria das tão necessárias bênçãos do Senhor, se, em toda parte, o povo pudesse ser encontrado de joelhos — diariamente, noite e dia — dando graças pelas bênçãos já recebidas, reconhecendo nossa dependência de Deus, e buscando sua divina orientação.

O espetáculo de um país orando é muito mais assombroso, inspirador, poderoso que o detonar de uma bomba atômica. A força da oração é superior a qualquer possível consórcio de poderes controlados pelo homem, porque a "oração é o melhor meio de acesso do homem aos recursos de Deus". Nossos antepassados aceitavam esta verdade eterna. E nós? Aceitá-la-emos também?

Sim, é de nosso melhor interesse próprio que adotemos essa simples prática, essa poderosa prática de orar. Disse alguém muitos anos atrás: "Do que este país necessita mais que outra coisa qualquer é da velha e antiquada oração familiar." Sim, nossa maior precisão é voltar às velhas e comprovadas verdades.

Deus nos ajude, como homens livres, a reconhecer a fonte de nossas bênçãos, a ameaça à nossa liberdade e aos nossos padrões morais e espirituais, e a necessidade de ação corajosa, ainda que humilde, para preservar essas bênçãos inestimáveis que o tempo comprovou, eu oro humildemente em nome de Jesus Cristo. Amém.

Agora... Permanecem A Fé, A Esperança E A Caridade

O Presidente Romney afirmou recentemente: "O bem-estar não é um programa da Igreja; é parte de sua própria essência." Eu creio realmente nisso. Bem-estar é mais que satisfazer as necessidades temporais dos membros da Igreja.

Destina-se a todo membro da Igreja, sem exceção. Envolve os noventa e seis por cento que não necessitam de assistência, facilidades e coisas fornecidas pelo armazém dos bispos. O bem-estar é para aqueles que podem dar, bem como para os que não precisam receber.

As Escrituras estão repletas de passagens que testificam do que falou o Presidente Romney. Em Mosiah, diz o Rei Benjamim:

"... e não permitireis que o mendigo vos peça em vão..."

"Talvez digais: O homem trouxe sobre si sua miséria; portanto, não estenderei a minha mão, não lhe darei do meu sustento, nem fá-lo-ei participar dos meus bens... pois seus castigos são justos.

"Mas... quem assim agir tem grande necessidade de arrepender-se; e, a menos que se arrependa do que fez, perecerá para sempre e não terá parte no reino de Deus.

"Pois não somos todos mendigos?..." (Mosiah 4:16-19)

E Paulo falou claramente: "Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse caridade, seria como o metal que soa ou como o sino que tine." (I Cor. 13:1)



Bispo Vaughn J. Featherstone

Segundo Conselheiro no Bispado Presidente

E ainda, naturalmente, o grande Salvador dos céus e da terra, nos ensinou uma importantíssima lição em uma de suas sublimes parábolas, dizendo:

"... havia um homem rico, e vestia-se de púrpura e de linho finíssimo, e vivia todos os dias regalada e esplendidamente.

"Havia também um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas à porta daquele.

"E desejava alimentar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico; e os próprios cães vinham lembrar-lhe as chagas.

"E aconteceu que o mendigo morreu, e foi levado pelos anjos para o seio d'Abraão; e morreu também o rico, e foi sepultado.

"E no Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos, e viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio.

"E, clamando, disse: Pai Abraão, tem misericórdia de mim, e manda a

Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado.

"Disse, porém, Abraão: Filho, lembra-te de que recebeste os teus bens em tua vida, e Lázaro somente males; e agora este é consolado e tu atormentado.

"E, além disso, está posto um grande abismo entre nós e vós, de sorte que os que quisessem passar daqui para vós não poderiam, nem tão pouco os de lá passar para cá.

"E disse ele: Rogo-te pois, ó pai, que o mandes à casa de meu pai.

"Pois tenho cinco irmãos; para que lhes dê testemunho, a fim de que não venham também para este lugar de tormento.

"Disse-lhe Abraão: Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos.

"E disse ele: Não, pai Abraão; mas, se algum dos mortos fosse ter com eles, arrepender-se-iam.

"Porém Abraão lhe disse: Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tão pouco acreditarão, ainda que algum dos mortos ressuscite." (Lucas 16: 19-31)

Creio que aqui o Salvador nos dá uma grande lição. Existem os necessitados, e em sua grande caridade ele proverá, pois acredito que o puro amor de Cristo é o bem-estar. Creio que vai muito além das dimensões daquilo que fazemos. Creio que é caridade em sua forma mais pura.

É muito mais do que apenas bem-estar físico. É a satisfação das neces-

sidades sociais e emocionais na Igreja. É cuidar daqueles cujos corpos são deformados. Creio que, nessa área, temos uma grande e sagrada responsabilidade. Penso que jamais alguém o expressou tão belamente como o Presidente Lee, quando disse na conferência de outubro de 1946:

“Sei que existem forças capazes de chegar-se àquele que enche seu coração de amor... Isso me ocorreu uma noite, anos atrás, quando em minha cama compreendi que, antes de poder ser digno do alto lugar para o qual fora chamado, eu tinha que amar e perdoar a cada alma que vivia na terra. Naquele tempo, vim a conhecer e obtive uma paz e diretriz, um conforto e inspiração que me disseram coisas que estavam para vir e deram-me impressões que eu sabia provirem de uma fonte divina.” (**Conference Report**, outubro de 1946, p. 146)

Não é fazer o profeta sentir a responsabilidade de cuidar de cada alma vivente na terra, amando-a e perdoadando-a?

Pedi a um grande amigo meu, o Irmão Les Goates, um grande e talentoso escritor, se eu podia “roubar” parte de uma história sua sobre como o bem-estar entrou em sua casa:

“Mas, para ‘mim e a minha casa’, o programa do bem-estar começou em Old Field, a oeste de Léhi, na estrada de Saratoga, no outono de 1918, aquele ano de terríveis condições climáticas da I Guerra Mundial, durante o qual o medonho flagelo da gripe espanhola vitimou mais de catorze milhões de pessoas.

“Naquele ano, o inverno chegou cedo, congelando o solo com grande parte da safra de beterrabas sacarinadas ainda por colher. Papai e meu irmão Francis tentavam desesperadamente arrancar da terra gelada um carregamento de beterrabas por dia, que tinham que ser extraídas com o arado e, depois de cortadas as folhas, jogadas uma a uma no grande carro-

ção vermelho e, a seguir era necessário transportar o carregamento até o engenho. Tratava-se de um trabalho moroso e cansativo devido à geada e à falta de auxiliares, visto que meu irmão Floyd e eu estávamos no exército, e Francis, ou ‘Franz’ como era conhecido, era muito novo para o serviço militar.

“Assim se empenhavam em colher o único produto agrícola lucrativo da família. Certa noite, estavam jantando, quando, pelo telefone, nosso irmão mais velho, George Albert, superintendente da Escola Industrial Estadual em Ogden, comunicou-nos a trágica notícia de que Kenneth, o filho de nove anos de nosso irmão Charles, administrador da fazenda da escola, fora acometido pela terrível gripe e falecera nos braços do pai, após poucas horas de extremo sofrimento; pedia que papai fosse a Ogden buscar o garotinho morto para enterrá-lo na sepultura da família no Cemitério Léhi.

“Meu pai deu partida no seu velho Chevrolet a manivela, e lá se foi para Five Points, em Ogden, buscar o corpinho do neto para o enterro. Quando chegou a seu destino, encontrou ‘Charl’ estatelado sobre o corpinho inerte do filho querido, com o característico fluxo escuro vertendo de seus ouvidos e nariz, e praticamente queimado de febre.

“— Leve meu garoto para casa, — murmurou o jovem pai desconsolado, — enterre-o na sepultura familiar e volte para me buscar amanhã.

“Papai trouxe Kenneth para casa, fez um caixão em sua oficina de carpintaria; mamãe e minhas irmãs Jennie, Emma e Hazel forraram-no e puseram um travesseiro, enquanto papai com Franz e dois vizinhos prestativos foram abrir a cova. Havia tantas morte, que as famílias tinham que encarregar-se da abertura das covas. Um breve serviço ao pé da sepultura era tudo o que se permitia.

“O pessoa mal acabara de voltar do cemitério, quando o telefone voltou a tocar; era George Albert (Bert) com outra mensagem horrível: Charl havia morrido, e duas de suas lindas garotinhas — Vesta de 7, e Elaine de 5 anos — estavam muito mal, e os dois pequenos — Raeldon de 4, e Pauline de 3 — também estavam doentes.

“Nossos bons primos, os Larkins, conseguiram arranjar um ataúde para Charl e mandaram-no para casa num vagão de carga pela estrada de ferro. Meu pai e Franz foram buscar o morto na estação ferroviária, colocando-o no alpendre de nossa velha casa rural, para que os vizinhos pudessem vê-lo, mas o pessoal tinha medo de aproximar-se do cadáver de uma vítima da ‘peste negra’. Nesse meio tempo, meu pai e Franz foram aprontar a cova com o auxílio de alguns vizinhos, e providenciar um breve serviço fúnebre para que o grande e nobre espírito de Charles Hyrum Goates fosse entregue aos cuidados de seu Criador.

“No dia seguinte, meu bravo e imbatível velho pai foi chamado para mais outra cruel missão — trazer para casa a pequena e sorridente Vesta, de cabelos negros e grandes olhos azuis.

“Chegando lá, encontrou Juliett, a mãe enlouquecida de dor, ajoelhada junto ao berço da pequenina Elaine, o anjinho de olhos azuis e caracóis dourados. Juliett orava, soluçando exausta:

“— Ó, Pai do céu, esta não, por favor! Preserva o meu bebê! Não me tires mais nenhum de meus queridos!

“Antes de papai chegar em casa com Vesta, veio outra infausta notícia. Elaine fora para junto de seu pai, e dos irmãozinhos Kenneth e Vesta. E assim, meu pai teve que fazer mais outra dolorosa viagem, indo buscar para o sepultamento o quarto membro de sua família, dentro da mesma semana.



"O telefone não tocou na noite do dia em que Eliane foi sepultada, tampouco houve notícias de morte na manhã seguinte. Supunha-se que George A. e sua corajosa companheira Della, embora também doentes, foram capazes de salvar os pequenos Raeldon e Pauline; e foi um grande alívio, quando chegou a prima Reba Munns, uma enfermeira, para ajudar.

"Depois do desjejum, papai disse a Franz:

"— Bem, filho, é melhor a gente ir para o campo e ver se conseguimos colher mais um carregamento de beterrabas, antes que a terra fique ainda mais congelada. Atrale os aimais e vamos andando.

"Francis veio conduzindo o carroção puxado por quatro cavalos, e papai subiu na boléia. Ao descerem pela estrada de Saratoga, foram passando por carroção após carroção carregado de beterrabas a caminho do engenho, conduzidos por lavradores da vizinhança. Ao passar, cada um dos condutores tinha uma saudação amiga:

'Alô, Tio George', 'Sinto muito George', 'Agente firme, George',

'Você tem uma porção de amigos, George.'

"No último carroção, ia o cômico da cidade, o sempre otimista, cabelo-de-fogo e sardento Jasper Rolfe. Acenou uma alegre saudação, gritando:

"— Este é o último, Tio George.

"Meu pai, voltando-se para Francis, comentou: — Quisera que fossem todos nossos.

"Chegando ao portão da fazenda, Francis pulou do grande carroção vermelho para abri-lo, e passamos para o campo. Pulou no carro, fez estacar as parelhas, ficou parado um momento examinando o campo, da esquerda para a direita, de cima para baixo — e eis que, imaginem, não restava uma única beterraba no campo inteiro. Só então começou a compreender o que Jasper Rolfe quis dizer, ao gritar: 'Este é o último, Tio George.'

"Papai então desceu da carroça, apanhou um punhado da fértil terra escura que tanto amava, e na mão esquerda à qual faltava o polegar, pegou uns talos de beterraba, e ficou por uns momentos olhando esses

símbolos da sua faina, como se não conseguisse acreditar em seus olhos.

"Então meu pai sentou-se num monte de folhas de beterraba — esse homem que trouxera para enterrar em casa quatro de seus entes queridos em apenas seis dias; fez os ataúdes, cavou sepulturas e até mesmo ajudou a vestir os mortos — esse homem assombroso que nunca vasculhou, nem se esquivou ou tremeu durante a angustiosa provação — sentou-se num monte de folhas de beterraba e soluçou qual criança pequena.

"Depois, levantou-se, enxugou os olhos com seu enorme lenço vermelho estampado, olhou para o céu e disse:

"— Muito obrigado, Pai, pelos élderes da nossa ala."

Seria isso que o Senhor nos mandaria fazer, se estivesse aqui para mostrar o caminho, pois foi ele quem falou:

"Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

"Tomais sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.

"Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve." (Mateus 11:28-30)

Quem foi mais abençoado? Não foram os élderes que se dirigiram para o campo, a fim de colher as beterrabas para o Irmão Goates? Quero que saibais que eles receberam uma grande bênção.

E agora, concluindo, lembrai-vos das palavras de Paulo, quando disse:

"Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e a caridade, estas três, mas a maior destas é a caridade." (I Cor. 13:13)

E rogo que a caridade de Jesus Cristo esteja e permaneça com cada um de nós, que entendamos a dimensão total dos serviços de bem-estar na Igreja, em nome de Jesus Cristo, nosso Mestre. Amém.



Canários Amarelos Salpicados De Cinzento

Élder Thomas S. Monson, Do Conselho Dos Doze

Uns vinte e três anos passados, fui chamado, ainda bastante moço, para servir como bispo de uma vasta ala da Cidade de Lago Salgado. A magnitude do chamado era esmagadora, e alarmante sua responsabilidade. Minha insuficiência me humilhava. O Pai Celestial, contudo, não me deixou vagar sozinho pelas trevas e silêncio, sem diretriz ou inspiração. Revelou as lições que eu devia aprender à sua própria maneira.

Certa noite, em hora avançada, tocou o telefone. Atendi e ouvi uma voz, dizendo:

— Bispo Monson, este é um chamado do hospital. Um membro de sua congregação, Kathleen McKee, acaba de falecer. Nossos assentamentos mostram que ela não tem nenhum parente próximo, mas seu nome consta como o da pessoa a ser avisada em caso de morte. Poderia dar uma chegada aqui agora mesmo?

Chegando ao hospital, entregaram-me um envelope selado, contendo a chave do modesto apartamento que residira Kathleen McKee, uma viúva sem filhos de setenta e três anos, que conhecera pouco das amenidades da vida e possuía apenas o suficiente para viver. Já no ocaso da vida, viera a ser membro da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. E sendo uma pessoa extremamente quieta e reservada, pouco se sabia de sua vida.

Naquela mesma noite, entrei no

impecavelmente arrumado apartamento térreo, liguei as luzes e, de imediato, deparei com uma carta escrita com meticulosidade pela própria mão de Kathleen McKee. Estava sobre uma mesinha e dizia:

“Bispo Monson,

“Penso que não mais retornarei do hospital. Na gaveta da cômoda, o senhor encontrará uma apólice de seguro que cobrirá as despesas do funeral. Os móveis poderá dar aos meus vizinhos.

“Na cozinha, estão os meus três preciosos canários. Dois deles são lindos, de coloração amarelo-ouro e plumagem perfeita. Nas suas gaiolas, marquei o nome de amigos a quem deverão ser entregues. A terceira gaiola abriga o ‘Billie’, meu predileto. Billie parece um pouquinho enfezado, e seu matiz amarelo se apresenta salpicado de cinza nas asas. Será que o senhor e sua família lhe darão um lar? Não é o mais bonito, mas o que canta melhor.”

Nos dias que se seguiram, eu soube mais coisas a respeito de Kathleen McKee. Ela acudira muitos vizinhos em casos de necessidade. Dera alegria e conforto quase que diários a uma pessoa inválida que vivia na mesma rua. Na verdade, iluminara toda vida que tocava. Kathleen McKee era bastante parecida com ‘Billie’, seu querido canário amarelo salpicado de cinzento. Não havia sido abençoada com beleza, dotada de porte,

nem agraciada com posteridade. Não obstante, seu ‘canto’ ajudara os outros a carregar seus fardos com mais boa vontade e a enfrentar melhor suas tarefas. Ela realmente vivia a mensagem deste verso:

“Vá, alegre o abandonado, o triste;
Vá, conforte o que chora, o
[cansado;
Vá, espalhando bons atos pelo
[caminho;
Vá, e torne hoje o mundo um pouco
[melhor!”

— **Deseret Sunday School Songs,**
1901, n.º 197.

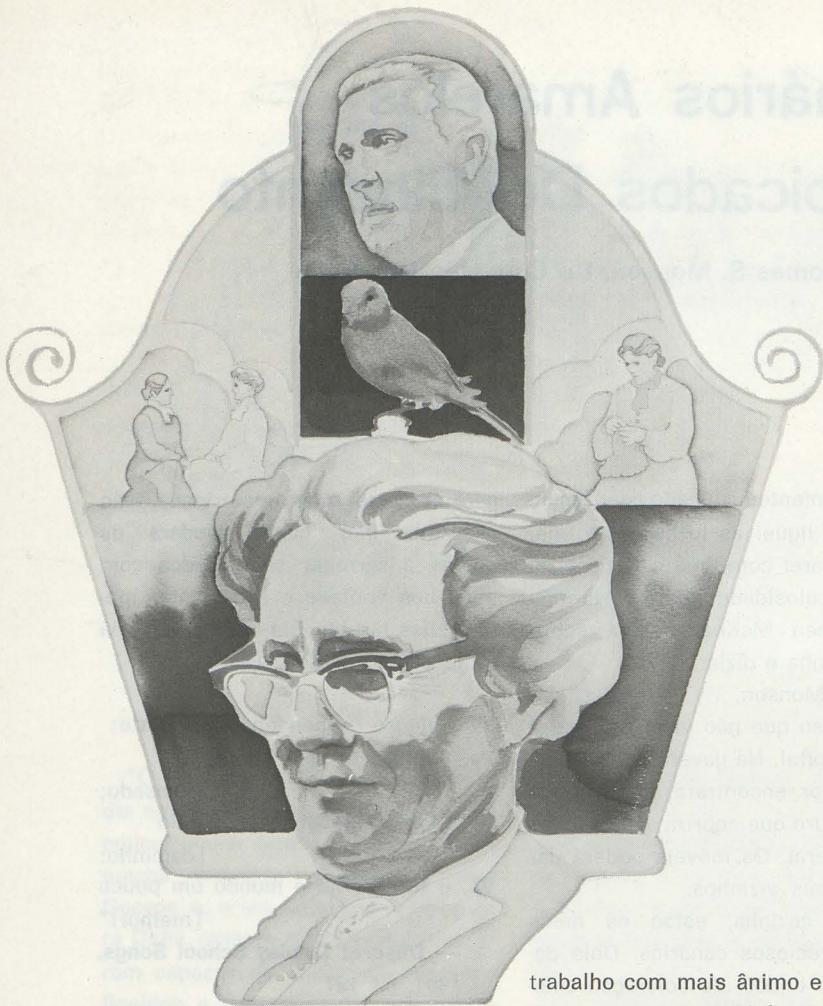
(Versão livre e aproximada.

N. do T.)

O mundo está cheio de canários amarelos salpicados de cinza nas asas. Só é pena que tão poucos deles tenham aprendido a cantar. Talvez as notas cristalinas do bom exemplo não tenham soado em seus ouvidos ou encontrado guarida em seus corações.

Alguns são gente moça que não sabem quem são, do que são capazes ou mesmo o que querem ser. Têm medo, mas sem saber do que. Estão zangados, mas não sabem com quem. São rejeitados e não sabem por que. Tudo o que desejam é ser alguém.

Outros estão alquebrados pela idade, sobrecarregados de cuidados ou cheios de dúvidas — vivendo muito aquém de sua verdadeira capacidade.



Todos nós somos propensos a desculpar nosso próprio desempenho medíocre, imputando-o à nossa pouca sorte, nossas deformações ou aos nossos pretensos **"handicaps"**. Vítimas da nossa própria racionalização, dizemos silenciosamente a nós mesmos: "Acontece apenas que sou fraco demais" ou "Não fui talhado para coisas melhores". Outros pairam por nossas débeis realizações, e então a inveja e o desânimo cobram seu tributo.

Será que somos incapazes de entender que nosso principal objetivo na vida não é ultrapassar outros, mas ultrapassar o próprio eu? Superar nossos próprio recordes, sobrepujar nosso ontem pelo hoje, suportar as provas mais galhardamente do que jamais sonhamos conseguir, dar como nunca antes demos, fazer nosso

trabalho com mais ânimo e perfeição que nunca — esta é a verdadeira idéia: ultrapassar a nós mesmos.

Para viver com nobreza, temos que desenvolver a capacidade de enfrentar corajosamente as dificuldades, os desapontamentos com bom ânimo, e o triunfo com humildade. Podeis perguntar: "Como atingiremos essas metas?" e eu respondo: "Conseguindo uma perspectiva real do nosso verdadeiro eu!" Somos filhos de um Deus vivente, criados à semelhança dele. Meditais esta verdade: "Criados à imagem de Deus." Não podemos estar sinceramente convictos disso, sem experimentar um novo e profundo senso de força e poder, mesmo a força de viver os mandamentos de Deus, o poder de resistir às tentações de Satanás.

Sem dúvida, vivemos num mundo em que o caráter moral é muitas vezes relegado a uma posição secundá-

ria, diante da beleza física ou encanto pessoal. Lemos e ouvimos seguidamente sobre concursos de beleza locais, nacionais e mundiais. Legiões e legiões prestam tributo à Miss América, Miss Mundo e Miss Universo. A excelência atlética, igualmente, tem seus admiradores. Os jogos de inverno, as Olimpíadas, os torneios de âmbito internacional provocam o aplauso apaixonado da multidão fascinada. São esses os caminhos do homem!

Mas, quais são as palavras inspiradas de Deus? Desde tempos remotos, ecoam em nosso ouvido as palavras de Samuel, o profeta: "... O Senhor não vê como vê o homem, pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração." (I Samuel 16:7)

Fingimento e hipocrisia não tinham vez com o Rei dos reis e o Senhor dos senhores. Denunciou os escribas e fariseus por motivo de sua vaidade e vidas frívolas, sua pretensão e aparente honradez. Ele os chamava de "sepulcros caiados, que por fora realmente parecem formosos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos." (Mateus 23:27)

Eles, à semelhança dos belos canários amarelos, impressionavam exteriormente, mas de seus corações não brotava um canto autêntico.

Aos seus iguais neste continente, decarou o profeta de Deus: "Porque eis que amais o dinheiro, vossos bens, vossos custosos trajes e o adorno de vossas igrejas mais do que amais os pobres e necessitados, os doentes e os aflitos..."

"Porque tendes vergonha de tomar sobre vós o nome de Cristo?..."

"Por que vos adornais com aquilo que não tem vida, enquanto permitis, sem fazer caso, que passem por vós os esfomeados, os necessitados, os desnudos, os enfermos e os aflitos?" (Mórmon 8:37-39)

O Mestre costumava misturar-se com os pobres, os espezinhados, os

oprimidos e aflitos. Trouxe esperança ao desesperado, força ao fraco e liberdade ao cativo. Ensinou sobre uma vida vindoura melhor — mesmo a vida eterna. Esse conhecimento sempre orienta aqueles que recebem a injunção divina: “Segue-me”. Ele guiou Pedro, motivou Paulo, e poderá determinar nosso destino pessoal. Podemos tomar a decisão de seguir o Redentor do mundo em honradez e verdade? Com a sua ajuda, o rapaz rebelde pode tornar-se um homem obediente, a garota obstinada pode alijar o velho eu e começar de novo. Na verdade, o Evangelho de Jesus Cristo pode modificar a vida do homem.

Em sua epístola aos coríntios, o Apóstolo Paulo ensina: “... Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes.” (I Cor. 1:27)

Quando o Salvador precisou de um homem de fé, não escolheu dentre os muitos farisaicos que freqüentavam regularmente a sinagoga. Em vez disso, chamou-o dentre os pescadores de Capernaum.

Enquanto pregava na praia, reparou em dois barcos parados nas proximidades. Embarcando num deles, pediu ao proprietário que o afastasse um pouco da praia, para que não fosse apertado pela multidão. Tendo terminado de pregar, disse a Simão: “Faça-te ao mar alto, e lançaí as vossas redes para pescar.”

Simão retrucou: “Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; mas, sobre tua palavra, lançaí a rede. E, fazendo assim, colheram uma grande quantidade de peixes... E, vendo isto Simão Pedro, prostrou-se aos pés de Jesus, dizendo: Senhor, ausenta-te de mim, que sou um homem pecador.” (Lucas 5:4-6, 8)

E a réplica foi: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.” (Mat. 4:19) Simão, o pescador, fora chamado. Cético, descrente, ignorante, destreinado, impetuoso — o ca-

minho do Senhor não foi para Simão uma senda fácil, nem uma vereda isenta de sofrimento. Iria sofrer a reprimenda: “Homem de pouca fé” e igualmente esta acusação: “Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo.” (Mateus 16:23) Não obstante, quando o Mestre lhe perguntou: “... quem dizeis que eu sou?”, Pedro respondeu: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo.” (Mat. 16:15, 16)

Simão, o cético, transformara-se em Pedro, o apóstolo de fé. Um canário amarelo salpicado de cinza nas asas mereceu a plena confiança e permanente amor do Mestre.

Quando o Salvador teve que escolher um missionário zeloso e capaz, não o encontrou entre seus adeptos, mas no meio dos adversários. Saulo de Tarso procurava esmagar a igreja e vivia ameaçando de morte os discípulos do Senhor. Mas isto foi antes da experiência na estrada de Damasco. De Saulo, disse o Senhor: “... este é para mim um vaso escolhido, para levar o meu nome diante dos gentios... dos reis e dos filhos d’Israel... E eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome.” (Atos 9:15-16)

Saulo, o perseguidor, transformou-se em Paulo, o conversor. Como o canário amarelo de asas pintadas de cinzento, também Paulo tinha sua jaças. Ele próprio falou: “E, para que me não exaltasse pelas excelências das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás para me esbofetear... Acerca do qual três vezes oreia ao Senhor para que se desviasse de mim. E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza...” (II Cor. 12:7-9)

Tanto Paulo como Pedro iam despende suas forças e sacrificar a vida pela causa da verdade. O Redentor escolhe homens imperfeitos para ensinar o caminho da perfeição. Ele o fez no passado, e o faz também

agora — mesmo canários amarelos salpicados de cinzento.

Ele chama a vós e a mim para servi-lo aqui embaixo e nos atribui as tarefas que deseja que façamos. O comprometimento é total. Não há conflitos de consciência. E, se na luta tropeçarmos, então imploremos: “Guia-nos, ó guia-nos, grande Moldador de homens; tira-nos das trevas para a luta reiniciarmos.” (Versão livre e aproximada de um trecho do “Fight Song”, Yonkers High School. N. do T.)

A tarefa designada talvez nos pareça insignificante, desnecessária, despercebida. Podemos sentir tentados a indagar:

“Pai, hoje, onde vou trabalhar?”

Indaguei, com todo amor e ternura. Então, dizendo: ‘Cuide dele para

[mim’,

Um pequeno canto me indicou.

‘Oh! não, esse não!’ de pronto

[respondi.

‘Ali, por mais que me esforce, Ninguém há de ver o que fiz;

Por favor, manda-me para outro

[lugar!’

Com palavras bondosas, sem zanga,

[respondeu:

‘Olha bem, meu filho, dentro do

[teu coração;

Teu trabalho é para eles ou para

[mim?’

Nazaré era um lugarzinho obscuro, E a Galiléia, também.’”

— Meade MacGuire

(Tradução livre e aproximada. N. do T.)

Minha prece de hoje é que sigamos realmente aquele Homem da Galiléia, que louvemos seu nome, que ordenemos nossa vida de maneira que reflita o nosso amor, que nos lembremos de Deus, o Pai, que nos deu o seu Filho, e que Jesus Cristo deu sua vida por nós. Eu testifico que ele vive e oro que sejamos merecedores desse divino dom, em nome de Jesus Cristo, o Senhor. Amém.

A Salvação Vem Pela Igreja

Quando o Salvador estabeleceu sua igreja durante o seu ministério mortal, e à medida que ela foi sendo desenvolvida pelos doze apóstolos da época, um fato importante tornou-se conspicuamente claro — que a salvação vem pela Igreja. Ela não vem por meio de qualquer organização separada ou grupo dissidente, nem de qualquer local em particular, como um indivíduo. Só pode vir pela própria Igreja, conforme foi estabelecida pelo Senhor.

Foi a Igreja que foi organizada para o aperfeiçoamento dos santos.

Foi a Igreja que foi designada para a obra do ministério.

Foi a Igreja que foi criada para edificar o corpo de Cristo, conforme Paulo explicou aos efésios.

Portanto, ficou manifestamente claro que a salvação está **na** Igreja e é obtida unicamente **pela** Igreja.

O Senhor traçou um caminho estreito e apertado, e compreensivamente observou que “poucos há que o encontrem”.

Ele não só determinou que a salvação viesse através de sua igreja



Élder Mark E. Petersen

Do Conselho dos Doze

regularmente constituída, como instituiu defesas que protegessem seus membros de ser jogados de lá para cá por todo vento de doutrina, e os preservasse de ser enganados por homens astuciosos. (Vide Efésios: 4:14)

Tais defesas, segundo a epístola de Paulo aos efésios, estavam principalmente na pessoa dos apóstolos e profetas colocados por Deus à testa

da Igreja, para esse propósito específico.

Eles eram os líderes inspirados na Igreja; eram os porta-vozes do Senhor, e suas iluminadas mensagens para o povo eram a vontade do Senhor, o pensamento do Senhor, a voz do Senhor e o poder de Deus para a salvação. (Vide D&C 68:4)

Com uma orientação celestial assim, ninguém precisava perder-se.

Mas havia homens na própria época do Senhor que pregavam doutrinas falsas e levavam o povo para caminhos errados. Estes foram severamente criticados pelo Salvador, que os acusou de apostasia da própria lei de Moisés a qual pretendiam estar pregando.

A eles, disse o Senhor: “Não vos deu Moisés a lei? e nenhum de vós observa a lei.” (João 7:19)

E disse-lhes ainda: “... se vós crêsseis em Moisés, creríeis em mim; porque de mim escreveu ele.” (João 5:46)

Que triste comentário! Tivesse o povo acreditado em Moisés, em lugar de seguir os falsos mestres de seu

tempo, teriam aceito Cristo, pois que Moisés escreveu a respeito dele. E tivessem eles aceitado Cristo, teriam recebido salvação através da sua igreja.

Mas, deixando-se cegar pelos falsos mestres, rejeitaram tanto Moisés como Cristo, e assim nunca entraram para a igreja do Senhor, não recebendo, conseqüentemente, a salvação que ela lhes haveria facultado.

Obviamente, nem todos os escritos de Moisés estão incluídos na Bíblia de hoje; porém, nos tempos do Salvador, eles deviam ser conhecidos, pois Jesus criticou os anciãos e escribas por não crerem nas palavras de Moisés, quando testificou de Cristo.

Não é interessante que Moisés tenha testificado de Cristo e que, não querendo crer em Moisés, o povo conseqüentemente não estava preparado para receber Cristo tampouco? Certamente vos lembrais de Paulo, afirmando que a lei de Moisés fora um "aio" destinado a conduzir o povo a Cristo. (Vide Gál. 3:24:25)

Não só Moisés escreveu a respeito do Senhor, como também outros profetas. Pedro disse, falando de Jesus: "A este dão testemunho todos os profetas, de que todos os que nele crerem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome." (Atos 10:43)

No capítulo vinte e oito de Atos, vemos que Paulo, enquanto estava em Roma, recebeu muitos visitantes "aos quais declarava com bom testemunho o reino de Deus, e procurava persuadi-los à fé em Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas, desde pela manhã até à tarde." (Atos 28:23)

Por conseguinte, as Escrituras disponíveis naquele tempo obviamente

falavam repetidas vezes do Salvador, desde que todos os profetas testificavam dele.

Assim sendo, não havia escusas para os que procuraram desviar o povo, persuadindo-o a crucificar o Senhor, embora soubessem muito bem que as Escrituras deles falavam claramente.

Esses falsos mestres dos tempos do Novo Testamento instituíram cultos próprios, distintos e desligados do verdadeiro trabalho de Deus, e, com suas tradições criadas pelo homem, formaram a principal oposição, quando Jesus iniciou seu ministério.

Vós, sem dúvida, estais familiarizados com os nomes de alguns desses cultos. Os fariseus e saduceus são os mais conhecidos. Ambos eram apóstatas em seus ensinamentos; ambos foram condenados pelo Senhor; e ambos instigavam o fanatismo religioso que, finalmente, provocou a crucificação.

Outros desses cultos eram:

Os zadoquitas, que pregavam uma observância mais estrita das leis mosaicas.

Os essênios, supostos autores dos pergaminhos do Mar Morto. Eles rejeitavam o culto no templo.

Os zelotes, um culto religioso antirromano.

Um dos grupos mais fortes eram os helenistas, que procuravam impor ao povo a filosofia helênica, fundindo-a com a lei mosaica. Eles igualmente eram contrários ao culto no templo.

Durante o próprio ministério do Senhor, surgiu uma nova apostasia. Isto ocorreu ao tempo dos acontecimentos registrados no capítulo seis do Evangelho de João, quando muitos de seus discípulos não aceitaram sua



doutrina pura e, por isso afastaram-se e não mais o seguiram.

Em aparente desalento, Jesus voltou-se para os Doze, perguntando: "Quereis vós também retirar-vos?"

Foi então que Simão Pedro retrucou: "Senhor, para quem iremos nós? Tu tens a palavras da vida eterna."

Convém notar que as palavras da vida eterna **não** estavam com aqueles que se afastaram, mas sim com os que se conservaram fiéis e leais.

Mais tarde, durante a administração dos Doze, surgiu outra grave apostasia. Praticamente todas as epístolas do Novo Testamento foram escritas para combatê-la.

Contam os historiadores que dentro dos cem anos após Cristo, surgiram nada menos que trinta grupos dissidentes e denominações cristãs distintas.

Mais evidência de apostasia logo nos primeiros tempos da Igreja se mostra particular e incisivamente pelos termos em que Paulo redigiu sua primeira missiva aos coríntios.

Nela, ele testifica que não pode haver dissensões em nome de Cristo. Antes, dizia ele, "rogo-vos... irmãos, pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que digais todos uma mesma coisa, e que não haja entre vós dissensões; antes sejais unidos em um mesmo sentido e em um mesmo parecer." (I Cor. 1:10)

Eis algumas das denominações sectárias surgidas durante os primeiros anos do cristianismo:

Os cristão judaicos, que tentavam "judaizar" o cristianismo, forçando-o a incluir ritos mosaicos.

Os milenaristas.

Os ebionitas, que conservavam o costume de usar água em lugar de vinho no sacramento.

Os gnósticos, que rejeitavam Jeová e a lei mosaica.

Os euquesaitas, conhecidos como batistas.

Os arcontiques, que ensinavam a existência de u'a mãe suprema nos céus.

Os coptas, ainda existentes no Egito.

Os cristãos siríacos.

Os mandaeanos, outra seita batista.

Os manequanos, e outros mais.

Após a queda de Jerusalém, por volta de 70 A.D., os helenistas assumiram o predomínio na religião cristã, aproveitando-se da influência grega que estava sendo sobreposta à antiga cultura local. Idéias filosóficas gregas penetraram fortemente no cristianismo, modificando doutrinas e práticas do Evangelho. Isto será mais fácil de entender, quando nos lembrarmos de que tanto Ario como Atanásio, os contendores no Concílio de Nicéia, eram filósofos gregos. Foi por isso também que os primitivos manuscritos do Novo Testamento foram redigidos em grego.

Esses vislumbres históricos mostram claramente a importância de se evitar grupos dissidentes, pois como dizia Paulo, uns falam: "Eu sou de Paulo, e eu de Apolos, e eu de Cefas" (I Cor. 1:12), mas Cristo não pode ser dividido. Não existe Salvador senão Jesus, e ele salva somente pelo seu caminho estreito e apertado, e não de acordo com credos e rituais imaginados pelo homem.

É de suma importância, então, que os membros não se separem da verdadeira igreja, nem dela apostatem, nem se conduzam de modo que justifique sua excomunhão.

A pessoa que se desliga da igreja do Senhor, está-se desligando dos seus meios de salvação, pois a salvação se obtém pela Igreja.

Certas pessoas modernas criaram cultos próprios; entre estas estão os que tentam refugiar-se na seção 85 de Doutrina e Convênios.

Eles empenham-se em afirmar que a Igreja se desviou do caminho, que os líderes não mais são inspirados, e que "um forte e poderoso" precisa assumir os negócios do Senhor. E, sem qualquer evidência de modéstia da parte deles, eles próprios se oferecem para tal posição.

Naquela seção existe um versículo, em particular, que é relegado por eles, embora seja especialmente importante. Diz que apóstatas e outros que foram excluídos da Igreja não serão contados entre os santos do Altíssimo no último dia. Por quê? Porque a salvação está na Igreja, não em outra parte qualquer.

Atentai para estas palavras do Senhor:

"E aqueles que pertencerem ao Sacerdócio Maior, assim como os do Sacerdócio Menor, e os membros cujos nomes não se acharem escritos no livro da lei, ou que se descobrir terem apostatado, ou terem sido excomungados da igreja, naquele dia não terão herança entre os santos do Altíssimo." (D&C 85:11)

Mas os sectários não são os únicos que são excomungados da Igreja. Há os que são excluídos por transgressões morais e outras infrações das regras de conduta do Senhor. Estes também deveriam ponderar cuidadosamente essa Escritura.

Se as pessoas crêem em Deus, afinal, se têm qualquer interesse pela

própria salvação, não seria de esperar que compreendessem, como disse a salvação está na Igreja, não vem as Escrituras, que a salvação vem através da Igreja, e se alguém é excluído dela por qualquer motivo, perderá sua herança no reino de Deus?

O Presidente Brigham Young foi bastante explícito ao descrever o destino dos apóstatas, quando disse:

"Por que as pessoas apostatam? Sabeis que estamos a bordo do 'Velho Barco Sião', bem no meio do oceano. Aproxima-se uma tempestade e, como dizem os marujos, ela é das boas. 'Não vou ficar aqui,' diz um. 'Não acredito que este seja o "Barco Sião". 'Mas nós estamos em pleno oceano.' 'Que me importa, eu não vou ficar aqui.' Arranca o paletó e pula na água. Será que não vai afogar-se? Certamente que sim. E o mesmo acontece àqueles que abandonam esta Igreja. É o 'Velho Barco Sião'. Vamo-nos manter firmes dentro dele."

E depois, acrescentou: "Se a luz do Onipotente não brilhar deste local, é vão procurá-la em outra parte qualquer."

E então este homem possante em Israel declarou:

"Sempre que se manifestar em qualquer membro da Igreja a disposição de questionar o direito do presidente da Igreja inteira de dirigi-la em todas as coisas, vereis evidências manifestas de apostasia — de um espírito que, se incentivado, levará a uma separação da Igreja e à derrocada final; sempre que houver disposição de hostilizar qualquer oficial deste Reino, legalmente designado, não importa em que capacidade é chamado a atuar, se ela persistir, será seguida dos mesmos resulta-

dos." Assim falou o Presidente Brigham Young. (**Discourses of Brigham Young** [Deseret Book Co., 1943] pp. 82-83, 85)

A linguagem do Senhor é simples e fácil de entender. Qualquer um que tenha apostatado da Igreja ou tenha sido excluído pelos tribunais devidamente estabelecidos pelo Senhor, não terá herança entre os santos do Altíssimo, a menos que se arrependa.

A salvação não é encontrada nos grupos dissidentes de hoje, assim como não era nas várias denominações que poluíram os ensinamentos de Moisés ou que, nos primeiros tempos do cristianismo, transgrediram as leis, modificaram as ordenanças e quebraram a eterna aliança.

Na mesma seção de Doutrina e Convênios, diz ainda o Senhor: "... todos aqueles que não se acharem inscritos no livro da lembrança não terão herança alguma naquele dia, mas serão desarraigados, e a sua porção lhes será designada entre os incrédulos, onde há choro e ranger de dentes." (D&C 85:9)

Existem alguns afirmando que, ainda excomungados da Igreja, não perdem suas bênçãos do Sacerdócio e do templo. É bom que tais pessoas se lembrem de que o poder de selar é também o poder de desligar, pois de seus autênticos servos disse o Senhor: "... tudo o que ligares na terra será ligado nos céus; e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus." (Mateus 16:19; D&C 132:46) A excomunhão faz perder todos os direitos, privilégios e bênção da Igreja.

O que é tão precioso como a salvação? E como deve ela ser obtida? Unicamente através da Igreja e de "estar ansiosamente empenhado" em

seu programa.

Não existe outro caminho. Se não formos valentes no testemunho de Jesus e se não nos arrependermos, perderemos a coroa do reino e sere-mos designados para outro lugar. (Vide D&C 76:79)

Mas, como é maravilhoso o arrependimento! O Senhor tem dito que, se nos arrependermos de nossos pecados e dali em diante guardamos todos os seus estatutos, teremos o perdão como resultado e a possibilidade de reforma.

Que promessa maior poderia esperar o transviado?

O Senhor veio para salvar os pecadores. Ensinou que é o enfermo que precisa de médico. Por isso ele convida os enfermos — bem como todos os demais — que venham a ele, se arrependam, e sejam limpos, santificados e salvos no seu reino.

"Desejaria eu, de qualquer maneira, a morte do ímpio? diz o Senhor Jeová: não desejo antes que se converta dos seus caminhos e viva?" (Ezequiel 18:23)

E assim, em sua bondade e misericórdia, eleva a voz, dizendo:

"Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei.

"Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração; e encontrareis descanso para as vossas almas.

"Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve." (Mateus 11:28-30)

Contudo, não nos esqueçamos de que o seu jugo não pode ser separado da sua igreja, e que o seu fardo requer que cada um de nós viva de toda palavra que procede da boca de Deus. E isto eu testifico humildemente no sagrado nome do Senhor Jesus Cristo. Amém.

Os Construtores De Capela

Três jovens de semblante sadio nos explicam como são os construtores de capela. Seus nomes são: Horácio Varella, Newton N. Rangel e Renato P. Júnior. O último destes três construtores veio do interior do Estado de São Paulo. Como a maior parte dos construtores de capela, antes de começar sua missão estudam e trabalham. Interrompem seus estudos e trabalhos e deixam seus lares, como os missionários de proleto. Muitos deles moram em regiões distantes de onde servem como construtores. Geralmente, no começo de suas missões, preocupam-se pelo fato de que quando retornarem a seus lares encontrarão dificuldades em reiniciar seus estudos, trabalhos, etc. Mas estes temores logo desaparecem e pouco a pouco adquirem uma confiança tal que o futuro se torna seguro. Dedicam-se ao trabalho do Senhor com afino e muito carinho. Um dos construtores que nos visitaram nos

disse que estes dois anos dedicados à missão estão melhor aplicados do que se não tivessem aceito o chamado. O benefício que este trabalho lhes traz para o futuro é imenso, como por exemplo, para aqueles que carecem de uma profissão, encontram, durante os dois anos de trabalho, uma ou duas boas profissões. Aprendem a ter sentimentos coletivos, a pedir desculpas e até mesmo os segredos da Arte Culinária.

Ao serem perguntados se estão ansiosos para que estes dois anos passem depressa reagem imediatamente e respondem: "A gente enxerga o tempo em termo de capela construída e frequentemente pensamos: como o tempo passa! Parece que ontem esta capela estava nos alicerces. Hoje já está sendo inaugurada."

O fato de ver uma capela construída dá-lhes ânimo para iniciar uma nova. Qual a força que os impele a dedicar



dois anos de sua juventude a um trabalho desta natureza? A resposta é: o desejo sincero e o espírito de servir o Senhor.

O sistema de trabalho da construção é muito bem distribuído porque os construtores dedicam parte de seu tempo ao estudo das escrituras e a troca de idéias sobre os pontos da doutrina do Evangelho de Jesus Cristo, e o restante do tempo ao trabalho de construção.

O apelo lançado aos membros da igreja é de que tenham mais compreensão da magnitude desta obra e a exortação àqueles que se preparam para realizar missão de construção ou que tenham um desejo de servir ao Senhor é que venham com um espírito de trabalho e não de passeio; com um profundo desejo de obedecer e respeitar os líderes, que se lembrem que em qualquer ocasião, tanto na igreja como

fora dela, tem o direito de apresentar sugestões a seu líder mas que também tem o dever de saber aceitar as decisões e conselhos destes.

“As principais coisas que levam ao jovem a renunciar ao chamado”, expressa-se o Irmão Júnior, são: “não querer interromper os estudos, não querer deixar a família. Insegurança de, como será depois de terminada a missão isto tudo”, como já se referira antes, “só se sente ao dar o primeiro passo. Depois aprendemos a ter confiança no futuro e tudo se torna belo aos nossos olhos. Aprendemos que querer é poder, desde que queiramos coisas justas.”

Eis aqui um exemplo típico de um construtor de capela. O Irmão Júnior como outros tantos no Brasil e no mundo, exemplificam o progresso da Igreja de Jesus Cristo e a fé no trabalho do Senhor.

Notas Do Centro Editorial Brasileiro

Antecipando ao ano escolar 1974/75, acreditamos ser de grande ajuda para os líderes locais da igreja, uma relação dos manuais que serão usados no próximo ano, bem como outras informações de interesse geral. Uma informação útil aos membros é a que se relaciona com a loja que o Centro Editorial Brasileiro mantém para atendimento do público, particularmente dos membros. Esta loja permanece aberta de segunda a sábado, ininterruptamente, das 8,00 às 17,00 horas, com exceção do sábado, cujo horário

é das 8,00 às 12,00 horas. Nesta loja, os membros encontrarão todo o material que necessitam, incluindo as mais recentes obras de leitura devocional como "Jesus O Cristo", e mais recentemente o livro "Ensinamentos do Profeta Joseph Smith". Com relação aos materiais que serão usados neste próximo ano, a direção do CEB tem planejado uma visita a todas as estações e missões, para a apresentação e venda dos mesmos, durante os meses de janeiro e fevereiro de 1974. Eis os manuais que serão usados neste próximo ano:

PRIMÁRIA

Raios de Sol	Código	PCPRO6A8PO	Preço	Cr\$ 12,00
Estrela Curso A	"	PCPRO8A1PO	"	Cr\$ 12,00
CTR — Curso A	"	PCPR12A3PO	"	Cr\$ 12,00
Arqueiros — Curso A	"	PCPR16A0PO	"	Cr\$ 12,00
Garota Feliz — Curso A	"	PCPR20A2PO	"	Cr\$ 12,00
Luzeiros — Curso A	"	PCPR24AAPO	"	Cr\$ 12,00
Primária. "A REVERÊNCIA COMEÇA EM MIM"	"	PEPR424PO	"	Cr\$ 5,00
Hinário "Cante Comigo"	"	PBMUOO97PO	"	Cr\$ 16,00
Apresentação da Reunião Sacramental. "Vinde, Ouvi a voz de um Profeta"	"	PEPR4289PO	"	Cr\$ N/C

ESCOLA DOMINICAL

CURSO 3 — "Eu tenho um Pai Celestial"	Código	PSCCO7F6PO	Preço	Cr\$ 12,00
CURSO 5 — "Meu Pai Celestial Me Ama"	"	PCSS10A1PO	"	Cr\$ 12,00
CURSO 7 — "Membros em sua Igreja"	"	PCSS15FPO	"	Cr\$ 12,00
CURSO 9 — "Epopéia dos Santos dos Últimos Dias"	"	PCSS18A6PO	"	Cr\$ 12,00
CURSO 11 — "Essências do Evangelho"	"	PCSS22S9PO	"	Cr\$ 12,00
Manual do Professor	"	PCSS22S9PO	"	Cr\$ 2,00
CURSO 11 — "Essências do Evangelho"	"	PCSS22S9PO	"	Cr\$ 2,00
Manual do Estudante	"	PCSS22S9PO	"	Cr\$ 2,00
CURSO 13 — "Uma Obra Maravilhosa e Um Assombro".	"	PCSS30SPO	"	Cr\$ 3,50
Suplemento do Professor	"	PCSS30SPO	"	Cr\$ 3,50
CURSO 14 a 26 Seminário jovens e adultos.	"	PCSS56U6PO	"	Cr\$ 7,00
CURSO 26 — "No Princípio"	"	PCSS56U6PO	"	Cr\$ 7,00

CURSO DE ESTUDO PARA O SACERDÓCIO DE MELQUISEDEQUE

"O Salvador, o Sacerdócio e Você"	Código	PCMP60B3PO	Preço	Cr\$ 4,50
-----------------------------------	--------	------------	-------	-----------

SOCIEDADE DE SOCORRO

Curso de Estudo para a Sociedade de Socorro	Código	PCPS56C7PO	Preço	Cr\$ 3,50
---	--------	------------	-------	-----------

Oportunamente serão enviados a todas as alas e ramos, um catálogo completo de todos os materiais em uso nas estacas e missões, com os respectivos preços. Foi enviado, também, um formulário apropriado para

requisição de material, e é uma solicitação e norma do CEB, que os pedidos sejam acompanhados de cheque visado pagável em São Paulo, em nome do CENTRO EDITORIAL BRASILEIRO.

